SONETOS COMPLETOS DE

FLORBELA ESPANCA

«Ama-se quem se ama e não quem se quer amar.»

SONETOS COMPLETOS

FLORBELA ESPANCA

Esta obra respeita as regras

do Novo Acordo Ortográfico

Compêndio dos Poemas de Florbela Espanca publicados nas obras: *“Livro de Mágoas”, “Livro de Sóror Saudade”, “Charneca em Flor”, “Reliquiae” e “O Livro DE Ele”*

ESTE LIVRO...

Este livro é de mágoas. Desgraçados

Que no mundo passais, chorai ao lê-lo!

Somente a vossa dor de Torturados

Pode, talvez, senti-lo... e compreendê-lo.

Este livro é para vós. Abençoados

Os que o sentirem, sem ser bom nem belo!

Bíblia de tristes... Ó Desventurados,

Que a vossa imensa dor se acalme ao vê-lo!

Livro de Mágoas... Dores... Ansiedades!

Livro de Sombras... Névoas... e Saudades!

Vai pelo mundo... (Trouxe-o no meu seio...)

Irmãos na Dor, os olhos rasos de água,

Chorai comigo a minha imensa mágoa,

Lendo o meu livro só de mágoas cheio!...

VAIDADE

Sonho que sou a Poetisa eleita,

Aquela que diz tudo e tudo sabe,

Que tem a inspiração pura e perfeita,

Que reúne num verso a imensidade!

Sonho que um verso meu tem claridade

Para encher todo o mundo! E que deleita

Mesmo aqueles que morrem de saudade!

Mesmo os de alma profunda e insatisfeita!

Sonho que sou Alguém cá neste mundo...

Aquela de saber vasto e profundo,

Aos pés de quem a terra anda curvada!

E quando mais no céu eu vou sonhando,

E quando mais no alto ando voando,

Acordo do meu sonho... E não sou nada!...

EU

Eu sou a que no mundo anda perdida,

Eu sou a que na vida não tem norte,

Sou a irmã do Sonho, e desta sorte

Sou a crucificada... a dolorida...

Sombra de névoa ténue e esvaecida,

E que o destino amargo, triste e forte,

Impele brutalmente para a morte!

Alma de luto sempre incompreendida!...

Sou aquela que passa e ninguém vê...

Sou a que chamam triste sem o ser...

Sou a que chora sem saber por quê...

Sou talvez a visão que Alguém sonhou,

Alguém que veio ao mundo pra me ver

E que nunca na vida me encontrou!

CASTELÃ

Altiva e couraçada de desdém

Vivo sozinha em meu castelo, a Dor...

Debruço-me às ameias ao sol-pôr

E ponho-me a cismar não sei em quem!

Castelã da Tristeza vês alguém?!...

- E o meu olhar é interrogador...

E rio e choro! É sempre o mesmo horror

E nunca, nunca vi passar ninguém!

- Castelã da Tristeza, porque choras,

Lendo toda de branco um livro de horas,

À sombra rendilhada dos vitrais?...

Castelã da Tristeza, é bem verdade,

Que a tragédia infinita é a Saudade!

Que a tragédia infinita é Nunca Mais!!

CASTELÃ DA TRISTEZA

Altiva e couraçada de desdém,

Vivo sozinha em meu castelo: a Dor!

Passa por ele a luz de todo o amor...

E nunca em meu castelo entrou alguém!

Castelã da Tristeza, vês?... A quem?...

- E o meu olhar é interrogador -

Perscruto, ao longe, as sombras do sol-pôr...

Chora o silêncio... nada... ninguém vem...

Castelã da Tristeza, por que choras

Lendo, toda de branco, um livro de horas,

À sombra rendilhada dos vitrais?...

À noite, debruçada pelas ameias,

Por que rezas baixinho?... Por que anseias?...

Que sonho afagam tuas mãos reais?...

TORTURA

Tirar dentro do peito a Emoção,

A lúcida Verdade, o Sentimento!

- E ser, depois de vir do coração,

Um punhado de cinza esparso ao vento!...

Sonhar um verso de alto pensamento,

E puro como um ritmo de oração!

- E ser, depois de vir do coração,

O pó, o nada, o sonho dum momento!...

São assim ocos, rudes, os meus versos:

Rimas perdidas, vendavais dispersos,

Com que eu iludo os outros, com que minto!

Quem me dera encontrar o verso puro,

O verso altivo e forte, estranho e duro,

Que dissesse, a chorar, isto que sinto!!

LÁGRIMAS OCULTAS

Se me ponho a cismar em outras eras

Em que ri e cantei, em que era querida,

Parece-me que foi noutras esferas,

Parece-me que foi numa outra vida...

E a minha triste boca dolorida,

Que dantes tinha o rir das Primaveras,

Esbate as linhas graves e severas

E cai num abandono de esquecida!

E fico, pensativa, olhando o vago...

Toma a brandura plácida dum lago

O meu rosto de monja de marfim...

E as lágrimas que choro, branca e calma,

Ninguém as vê brotar dentro da alma!

Ninguém as vê cair dentro de mim!

TORRE DE NÉVOA

Subi ao alto, à minha Torre esguia,

Feita de fumo, névoas e luar,

E pus-me, comovida, a conversar

Com os poetas mortos, todo o dia.

Contei-lhes os meus sonhos, a alegria

Dos versos que são meus, do meu sonhar,

E todos os poetas, a chorar,

Responderam-me então: “Que fantasia,

Criança doida e crente! Nós também

Tivemos ilusões, como ninguém,

E tudo nos fugiu, tudo morreu!...”

Calaram-se os poetas, tristemente...

E é desde então que eu choro amargamente

Na minha Torre esguia junto ao Céu!...

A MINHA DOR

A você

A minha Dor é um convento ideal

Cheio de claustros, sombras, arcarias,

Aonde a pedra em convulsões sombrias

Tem linhas dum requinte escultural.

Os sinos têm dobres de agonias

Ao gemer, comovidos, o seu mal...

E todos têm sons de funeral

Ao bater horas, no correr dos dias...

A minha Dor é um convento. Há lírios

Dum roxo macerado de martírios,

Tão belos como nunca os viu alguém!

Nesse triste convento aonde eu moro,

Noites e dias rezo e grito e choro!

E ninguém ouve... ninguém vê... ninguém...

DIZERES ÍNTIMOS

É tão triste morrer na minha idade!

E vou ver os meus olhos, penitentes

Vestidinhos de roxo, como crentes

Do soturno convento da Saudade!

E logo vou olhar (com que ansiedade!...)

As minhas mãos esguias, languescentes,

De brancos dedos, uns bebês doentes

Que hão de morrer em plena mocidade!

E ser-se novo é ter-se o Paraíso,

É ter-se a estrada larga, ao sol, florida,

Aonde tudo é luz e graça e riso!

E os meus vinte e três anos... (Sou tão nova!)

Dizem baixinho a rir: “Que linda a vida!...”

Responde a minha Dor: “Que linda a cova!”

AS MINHAS ILUSÕES

Hora sagrada dum entardecer

Deus Outono, à beira-mar, cor de safira,

Soa no ar uma invisível lira...

O sol é um doente a enlanguescer...

A vaga estende os braços a suster,

Numa dor de revolta cheia de ira,

A doirada cabeça que delira

Num último suspiro, a estremecer!

O sol morreu... e veste luto o mar...

E eu vejo a urna de oiro, a baloiçar,

À flor das ondas, num lençol de espuma!

As minhas Ilusões, doce tesoiro,

Também as vi levar em urna de oiro,

No Mar da Vida, assim... uma por uma...

NEURASTENIA

Sinto hoje a alma cheia de tristeza!

Um sino dobra em mim Ave-Marias!

Lá fora, a chuva, brancas mãos esguias,

Faz na vidraça rendas de Veneza...

O vento desgrenhado, chora e reza

Por alma dos que estão nas agonias!

E flocos de neve, aves brancas, frias,

Batem as asas pela Natureza...

Chuva... tenho tristeza! Mas por quê?!

Vento... tenho saudades! Mas de quê?!

Ó neve que destino triste o nosso!

Ó chuva! Ó vento! Ó neve! Que tortura!

Gritem ao mundo inteiro esta amargura,

Digam isto que sinto que eu não posso!!...

PEQUENINA

À Maria Helena Falcão Risques

És pequenina e ris... A boca breve

É um pequeno idílio cor-de-rosa...

Haste de lírio frágil e mimosa!

Cofre de beijos feito sonho e neve!

Doce quimera que a nossa alma deve

Ao Céu que assim te fez tão graciosa!

Que nesta vida amarga e tormentosa

Te fez nascer como um perfume leve!

O ver o teu olhar faz bem à gente...

E cheira e sabe, a nossa boca, a flores

Quando o teu nome diz, suavemente...

Pequenina que a Mãe de Deus sonhou,

Que ela afaste de ti aquelas dores

Que fizeram de mim isto que sou!

MAIOR TORTURA

Sou a sombra profunda dos espaços

Eu sou a dor dum pobre enlouquecido

Ergo aos céus mudos meus braços

E o céu é sempre azul e sempre mudo.

À Terra não me prendem nenhuns laços

Perco-me em mim na dor de ter vivido!

E não tenho a doçura duns abraços

Que me façam sorrir de ter nascido!

Sou como tu um cardo desprezado,

A urze que se pisa sob os pés,

Sou como tu um riso desgraçado!

Mas a minha Tortura ainda é maior:

Não ser Poeta, assim como tu és

Para falar assim da minha Dor!

A MAIOR TORTURA

A um grande poeta de Portugal!

Na vida, para mim, não há deleite.

Ando a chorar convulsa noite e dia...

E não tenho uma sombra fugidia

Onde poise a cabeça, onde me deite!

E nem flor de lilás tenho que enfeite

A minha atroz, imensa nostalgia!...

A minha pobre Mãe tão branca e fria

Deu-me a beber a Mágoa no seu leite!

Poeta, eu sou um cardo desprezado,

A urze que se pisa sob os pés.

Sou, como tu, um riso desgraçado!

Mas a minha tortura inda é maior:

Não ser poeta assim como tu és,

Para gritar num verso a minha Dor!...

A FLOR DO SONHO

A Flor do Sonho alvíssima, divina,

Miraculosamente abriu em mim,

Como se uma magnólia de cetim

Fosse florir num muro todo em ruína.

Pende em meu seio a haste branda e fina.

E não posso entender como é que, enfim,

Essa tão rara flor abriu assim!...

Milagre... fantasia... ou, talvez, sina...

Ó Flor que em mim nasceste sem abrolhos,

Que tem que sejam tristes os meus olhos

Se eles são tristes pelo amor de ti?!...

Desde que em mim nasceste em noite calma,

Voou ao longe a asa da minha alma

E nunca, nunca mais eu me entendi...

NOITE DE SAUDADE

A Noite vem poisando devagar

Sobre a terra que inunda de amargura...

E nem sequer a bênção do luar

A quis tornar divinamente pura...

Ninguém vem atrás dela a acompanhar

A sua dor que é cheia de tortura...

E eu oiço a Noite imensa soluçar!

E eu oiço soluçar a Noite escura!

Por que és assim tão escura, assim tão triste?!

É que, talvez, ó Noite, em ti existe

Uma Saudade igual à que eu contenho!

Saudade que eu sei donde me vem...

Talvez de ti, ó Noite!... Ou de ninguém!...

Que eu nunca sei quem sou, nem o que tenho!!

ANGÚSTIA

Tortura do pensar! Triste lamento!

Quem nos dera calar a tua voz!

Quem nos dera cá dentro, muito a sós,

Estrangular a hidra num momento!

E não se quer pensar!... E o pensamento

Sempre a morder-nos bem, dentro de nós...

Querer apagar no Céu - Ó sonho atroz! -

O brilho duma estrela, com o vento!...

E não se apaga, não... nada se apaga!

Vem sempre rastejando como a vaga...

Vem sempre perguntando: “O que te resta?...”

Ah! não ser mais que o vago, o infinito!

Ser pedaço de gelo, ser granito,

Ser rugido de tigre na floresta!

AMIGA

Deixa-me ser a tua amiga, Amor;

A tua amiga só, já que não queres

Que pelo teu amor seja a melhor

A mais triste de todas as mulheres.

Que só, de ti, me venha mágoa e dor

O que me importa a mim?! O que quiseres

É sempre um sonho bom! Seja o que for,

Bendito sejas tu por mo dizeres!

Beija-me as mãos, Amor, devagarinho...

Como se os dois nascêssemos irmãos,

Aves cantando, ao sol, no mesmo ninho...

Beija-mas bem!... Que fantasia louca

Guardar assim, fechados, nestas mãos

Os beijos que sonhei pra minha boca!...

[sem título]

Eu queria ser o Mar ingente e forte

O mar enorme, a vastidão imensa...

Eu queria ser a árvore que não pensa,

Que ri do mundo vão e até a morte...

Eu queria ser o Sol, o irmão do Mar

O bem do que é humilde e pobrezinho...

Eu queria ser a pedra no caminho

Que não sofre a tortura do pensar...

Mas o Mar também chora de tristeza...

E a árvore também, como quem reza,

Levanta aos céus os braços como um crente!

E o Sol cheio de mágoa ao fim de um dia,

Tem lágrimas de sangue na agonia,

E as pedras, essas, pisa-as toda a gente...

DESEJOS VÃOS

Eu queria ser o Mar de altivo porte

Que ri e canta, a vastidão imensa!

Eu queria ser a pedra que não pensa,

A pedra do caminho, rude e forte!

Eu queria ser o sol, a luz imensa,

O bem do que é humilde e não tem sorte!

Eu queria ser a árvore tosca e densa

Que ri do mundo vão e até da morte!

Mas o Mar também chora de tristeza...

As Árvores também, como quem reza,

Abrem, aos Céus, os braços, como um crente!

E o Sol altivo e forte, ao fim de um dia,

Tem lágrimas de sangue na agonia!

E as Pedras... essas... pisa-as toda a gente!...

A UM LIVRO

No silêncio de cinzas do meu Ser

Agita-se uma sombra de cipreste,

É uma sombra triste que ando a ler

No livro cheio de mágoa que me deste!

Estranho livro aquele que escreveste

Poeta da saudade e do sofrer

Estranho livro em que puseste

Tudo o que eu sinto sem poder dizer!

Parece que folheio toda a minha alma!

O livro que me deste, é meu e salva

As orações que choro e rio e canto!

Poeta igual a mim, ai quem me dera

Dizer o que tu dizes! Quem soubera

Velar a minha Dor desse teu manto!

PIOR VELHICE

Sou velha e triste. Nunca o alvorecer

Dum riso são andou na minha boca!

Gritando que me acudam, em voz rouca,

Eu, náufraga da Vida, ando a morrer!

A Vida, que ao nascer, enfeita e touca

DE alvas rosas a fronte da mulher,

Na minha fronte mística de louca

Martírios só poisou a emurchecer!

E dizem que sou nova... A mocidade

Estará só, então, na nossa idade,

Ou está em nós e em nosso peito mora?!

Tenho a pior velhice, a que é mais triste,

Aquela onde nem sequer existe

Lembrança de ter sido nova... outrora...

ALMA PERDIDA

Toda esta noite o rouxinol chorou,

Gemeu, rezou, gritou perdidamente!

Alma de rouxinol, alma da gente,

Tu és, talvez, alguém que se finou!

Tu és, talvez, um sonho que passou,

Que se fundiu na Dor, suavemente...

Talvez sejas a alma, a alma doente

DE alguém que quis amar e nunca amou!

Toda a noite choraste... e eu chorei

Talvez porque, ao ouvir-te, adivinhei

Que ninguém é mais triste do que nós!

Contaste tanta coisa à noite calma,

Que eu pensei que tu eras a minha alma

Que chorasse perdida em tua voz!...

ORAÇÃO DE JOELHOS

Bendita seja a mãe que te gerou!

Bendito o leite que te fez crescer!

Bendito o berço aonde te embalou

A tua ama pra te adormecer!

Bendito seja o brilho do luar

Da noite em que nasceste tão suave,

Que deu essa candura ao teu olhar

E à tua voz esse gorjeio de ave!

Benditos sejam todos que te amarem!

Os que em volta de ti ajoelharem

Numa grande paixão, fervente, louca!

E se mais que eu, um dia te quiser

Alguém, bendita seja essa mulher,

Bendito seja o beijo dessa boca!

LANGUIDEZ

Tardes da minha terra, doce encanto,

Tardes duma pureza de açucenas,

Tardes de sonho, as tardes de novenas,

Tardes de Portugal, as tardes de Anto,

Como eu vos quero e amo! Tanto! Tanto!...

Horas benditas, leves como penas,

Horas de fumo e cinza, horas serenas,

Minhas horas de dor em que eu sou santo!

Fecho as pálpebras roxas, quase pretas,

Que poisam sobre duas violetas,

Asas leves cansadas de voar...

E a minha boca tem uns beijos mudos...

E as minhas mãos, uns pálidos veludos,

Traçam gestos de sonho pelo ar...

PARA QUÊ?!

Tudo é vaidade neste mundo vão...

Tudo é tristeza, tudo é pó, é nada!

E mal desponta em nós a madrugada,

Vem logo a noite encher o coração!

Até o amor nos mente, essa canção

Que o nosso peito ri à gargalhada,

Flor que é nascida e logo desfolhada,

Pétalas que se pisam pelo chão!...

Beijos de amor! Pra quê?!... Tristes vaidades!

Sonhos que logo são realidades,

Que nos deixam a alma como morta!

Só neles acredita quem é louca!

Beijos de amor que vão de boca em boca,

Como pobres que vão de porta em porta!...

AO VENTO

O vento passa a rir, torna a passar,

Em gargalhadas ásperas de demente;

E esta minha alma trágica e doente

Não sabe se há de rir; se há de chorar!

Vento de voz tristonha, voz plangente,

Vento que ris de mim sempre a troçar,

Vento que ris do mundo e do amar,

A tua voz tortura toda a gente!...

Vale-te mais chorar, meu pobre amigo!

Desabafa essa dor a sós comigo,

E não rias assim !... Ó vento, chora!

Que eu bem conheço, amigo, esse fadário

Do nosso peito ser como um Calvário,

e a gente andar a rir pela vida fora!!...

TÉDIO

Passo pálida e triste. Oiço dizer

“Que branca que ela é! Parece morta!”

E eu que vou sonhando, vaga, absorta,

Não tenho um gesto, ou um olhar sequer...

Que diga o mundo e a gente o que quiser!

- O que é que isso me faz?... O que me importa?...

O frio que trago dentro gela e corta

Tudo que é sonho e graça na mulher!

O que é que isso me importa?! Essa tristeza

É menos dor intensa que frieza,

É um tédio profundo de viver!

E é tudo sempre o mesmo, eternamente...

O mesmo lago plácido, dormente...

E os dias, sempre os mesmos, a correr...

DESALENTO

Ao grande e estranho poeta A. Durão

Às vezes oiço rir, é uma agonia

Queima-me a alma como estranha brasa

Tenho ódio à luz e tenho raiva ao dia

Que me põe na alma o fogo que me abrasa!

Tenho sede de amar a humanidade...

Eu ando embriagada... entontecida...

O roxo de meus lábios é saudade

Duns beijos que me deram noutra vida!

Ei não gosto do Sol, eu tenho medo

Que me vejam nos olhos o segredo

De só saber chorar, de ser assim...

Gosto da Noite, imensa, triste, preta,

Como esta estranha e doida borboleta

Que eu sinto sempre a voltejar em mim!

A MINHA TRAGÉDIA

Tenho ódio à luz e raiva à claridade

Do sol, alegre, quente, na subida.

Parece que a minha alma é perseguida

Por um carrasco cheio de maldade!

Ó minha vã, inútil mocidade,

Trazes-me embriagada, entontecida!...

Duns beijos que me deste noutra vida,

Trago em meus lábios roxos, a saudade!...

Eu não gosto do sol, eu tenho medo

Que me leiam nos olhos o segredo

De não amar ninguém, de ser assim!

Gosto da Noite imensa, triste, preta,

Como esta estranha e doida borboleta

Que eu sinto sempre a voltejar em mim!...

SEM REMÉDIO

Aqueles que me têm muito amor

Não sabem o que sinto e o que sou...

Não sabem que passou, um dia, a Dor,

À minha porta e, nesse dia, entrou.

E é desde então que eu sinto este pavor;

Este frio que anda em mim, e que gelou

O que de bom me deu Nosso Senhor!

Se eu nem sei por onde ando e onde vou!!

Sinto os passos da Dor, essa cadência

Que é já tortura infinda, que é demência!

Que é já vontade doida de gritar!

E é sempre a mesma mágoa, o mesmo tédio,

A mesma angústia funda, sem remédio,

Andando atrás de mim, sem me largar!...

MAIS TRISTE

É triste, diz a gente, a vastidão

Do Mar imenso! E aquela voz fatal

Com que ele fala, agita o nosso mal!

E a Noite é triste como a Extrema-Unção.

É triste e dilacera o coração

Um poente do nosso Portugal!

E não veem que eu sou… eu… afinal,

A coisa mais magoada das que o são!

Poentes de agonia tenho-os eu

Dentro de mim e tudo quanto é meu

É um triste poente de amargura!

E a vastidão do Mar, toda essa água

Trago-a dentro de mim num Mar de Mágoa!

E a Noite sou eu própria, a Noite escura!

VELHINHA

Se os que me viram já cheia de graça

Olharem bem de frente para mim,

Talvez, cheios de dor, digam assim:

“Já ela é velha! Como o tempo passa!...”

Não sei rir e cantar por mais que faça!

Ó minhas mãos talhadas em marfim,

Deixem esse fio de oiro que esvoaça!

Deixem correr a vida até o fim!

Tenho vinte e três anos! Sou velhinha!

Tenho cabelos brancos e sou crente...

Já murmuro orações... falo sozinha...

E o bando cor-de-rosa dos carinhos

Que tu me fazes, olho-os indulgente,

Como se fosse um bando de netinhos...

EM BUSCA DO AMOR

O meu Destino disse-me a chorar:

“Pela estrada da Vida vai andando,

E, aos que vires passar, interrogando

Acerca do Amor, que hás de encontrar.”

Fui pela estrada a rir e a cantar,

As contas do meu sonho desfilando...

E noite e dia, à chuva e ao luar,

Fui sempre caminhando e perguntando...

Mesmo a um velho eu perguntei: “Velhinho,

Viste o Amor acaso em teu caminho?”

E o velho estremeceu... olhou... e riu...

Agora pela estrada, já cansados

Voltam todos pra trás, desanimados...

E eu paro a murmurar: “Ninguém o viu!...”

IMPOSSÍVEL

Disseram-me hoje, assim, ao ver-me triste:

“Parece Sexta-Feira de Paixão.

Sempre a cismar, cismar de olhos no chão,

Sempre a pensar na dor que não existe…

O que é que tem?! Tão nova e sempre triste!

Faça por estar contente! Pois então?!…”

Quando se sofre, o que se diz é vão…

Meu coração, tudo, calado ouviste…

Os meus males ninguém mos adivinha…

A minha Dor não fala, anda sozinha…

Dissesse ela o que sente! Ai quem me dera!…

Os males de Anto toda a gente os sabe!

Os meus... ninguém... A minha Dor não cabe

Nos cem milhões de versos que eu fizera!...

"SÓROR SAUDADE"

A Américo Durão

Irmã, Sóror Saudade me chamaste...

E na minha alma o nome iluminou-se

Como um vitral ao sol, como se fosse

A luz do próprio sonho que sonhaste.

Numa tarde de Outono o murmuraste,

Toda a mágoa do Outono ele me trouxe,

Jamais me hão de chamar outro mais doce.

Com ele bem mais triste me tornaste...

E baixinho, na alma da minha alma,

Como bênção de sol que afaga e acalma,

Nas horas más de febre e de ansiedade,

Como se fossem pétalas caindo

Digo as palavras desse nome lindo

Que tu me deste: "Irmã, Sóror Saudade..."

O NOSSO LIVRO

Livro do meu amor, do teu amor,

Livro do nosso amor, do nosso peito...

Abre-lhe as folhas devagar, com jeito,

Como se fossem pétalas de flor.

Olha que eu outro já não sei compor

Mais santamente triste, mais perfeito

Não esfolhes os lírios com que é feito

Que outros não tenho em meu jardim de dor!

Livro de mais ninguém! Só meu! Só teu!

Num sorriso tu dizes e digo eu:

Versos só nossos mas que lindos sois!

Ah, meu Amor! Mas quanta, quanta gente

Dirá, fechando o livro docemente:

"Versos só nossos, só de nós os dois!..."

O QUE TU ÉS...

És Aquela que tudo te entristece

Irrita e amargura, tudo humilha;

Aquela a quem a Mágoa chamou filha;

A que aos homens e a Deus nada merece.

Aquela que o sol claro entenebrece

A que nem sabe a estrada que ora trilha,

Que nem um lindo amor de maravilha

Sequer deslumbra, e ilumina e aquece!

Mar-Morto sem marés nem ondas largas,

A rastejar no chão como as mendigas,

Todo feito de lágrimas amargas!

És ano que não teve Primavera...

Ah! Não seres como as outras raparigas

Ó Princesa Encantada da Quimera!...

FANATISMO

Minha alma, de sonhar-te, anda perdida.

Meus olhos andam cegos de te ver.

Não és sequer razão do meu viver

Pois que tu és já toda a minha vida!

Não vejo nada assim enlouquecida...

Passo no mundo, meu Amor, a ler

No misterioso livro do teu ser

A mesma história tantas vezes lida!...

"Tudo no mundo é frágil, tudo passa...

Quando me dizem isto, toda a graça

Duma boca divina fala em mim!

E, olhos postos em ti, digo de rastros:

"Ah! podem voar mundos, morrer astros,

Que tu és como Deus: princípio e fim!..."

ALENTEJANO

À Buja

Deu agora meio-dia; o sol é quente

Beijando a urze triste dos outeiros.

Nas ravinas do monte andam ceifeiros,

Na faina, alegres, desde o sol nascente.

Cantam as raparigas meigamente.

Brilham os olhos negros, feiticeiros.

E há perfis delicados e trigueiros

Entre as altas espigas de oiro ardente.

A terra prende aos dedos sensuais

A cabeleira loira dos trigais

Sob a bênção dulcíssima dos céus.

Há gritos arrastados de cantigas...

E eu sou uma daquelas raparigas...

E tu passas e dizes: "Salve-os Deus!"

QUE IMPORTA?....

Eu era a desdenhosa, a indiferente.

Nunca sentira em mim o coração

Bater em violências de paixão

Como bate no peito à outra gente.

Agora, olhas-me tu altivamente,

Sem sombra de Desejo ou de emoção,

Enquanto a asa loira da ilusão

Dentro em mim se desdobra a um sol nascente.

Minha alma, a pedra, transformou-se em fonte;

Como nascida em carinhoso monte

Toda ela é riso, e é frescura, e graça!

Nela refresca a boca um só instante...

Que importa?... Se o cansado viandante

Bebe em todas as fontes... quando passa?...

FUMO

Longe de ti são ermos os caminhos,

Longe de ti não há luar nem rosas;

Longe de ti há noites silenciosas,

Há dias sem calor, beirais sem ninhos!

Meus olhos são dois velhos pobrezinhos

Perdidos pelas noites invernosas...

Abertos, sonham mãos cariciosas,

Tuas mãos doces plenas de carinhos!

Os dias são Outonos: choram... choram...

Há crisântemos roxos que descoram...

Há murmúrios dolentes de segredos...

Invoco o nosso sonho! Estendo os braços!

E ele é, ó meu amor pelos espaços,

Fumo leve que foge entre os meus dedos...

O MEU ORGULHO

Lembro-me o que fui dantes. Quem me dera

Não me lembrar! Em tardes dolorosas

Lembro-me que fui a Primavera

Que em muros velhos faz nascer as rosas!

As minhas mãos outrora carinhosas

Pairavam como pombas... Quem soubera

Porque tudo passou e foi quimera,

E porque os muros velhos não dão rosas!

O que eu mais amo é que mais me esquece...

E eu sonho: "Quem olvida não merece...

E já não fico tão abandonada!

Sinto que valho mais, mais pobrezinha:

Que também é orgulho ser sozinha,

E também é nobreza não ter nada!

OS VERSOS QUE TE FIZ

Deixa dizer-te os lindos versos raros

Que a minha boca tem pra te dizer!

São talhados em mármore de Paros

Cinzelados por mim pra te oferecer.

Têm dolências de veludos caros,

São como sedas brancas a arder...

Deixa dizer-te os lindos versos raros

Que foram feitos pra te endoidecer!

Mas, meu Amor, eu não tos digo ainda...

Que a boca da mulher é sempre linda

Se dentro guarda um verso que não diz!

Amo-te tanto! E nunca te beijei...

E, nesse beijo, Amor, que eu te não dei

Guardo os versos mais lindos que te fiz!

FRIEZA

Os teus olhos são frios como as espadas,

E claros como os trágicos punhais,

Têm brilhos cortantes de metais

E fulgores de lâminas geladas.

Vejo neles imagens retratadas

De abandonos cruéis e desleais,

Fantásticos desejos irreais,

E todo o oiro e o sol das madrugadas!

Mas não te invejo, Amor, essa indiferença,

Que viver neste mundo sem amar

É pior que ser cego de nascença!

Tu invejas a dor que vive em mim!

E quanta vez dirás a soluçar:

"Ah, quem me dera, Irmã, amar assim!...

MEU MAL

Ao meu irmão

Eu tenho lido em mim, sei-me de cor,

Eu sei o nome ao meu estranho mal:

Eu sei que fui a renda dum vitral,

Que fui cipreste, caravela, dor!

Fui tudo que no mundo há de maior:

Fui cisne, e lírio, e águia, e catedral!

E fui, talvez, um verso de Nerval,

Ou. um cínico riso de Chamfort...

Fui a heráldica flor de agrestes cardos,

Deram as minhas mãos aroma aos nardos...

Deu cor ao eloendro a minha boca...

Ah! de Boabdil fui lágrima na Espanha!

E foi de lá que eu trouxe esta ânsia estranha,

Mágoa não sei de quê! Saudade louca!

A NOITE DESCE...

Como pálpebras roxas que tombassem

Sobre uns olhos cansados, carinhosas,

A noite desce... Ah! doces mãos piedosas

Que os meus olhos tristíssimos fechassem!

Assim mãos de bondade me beijassem!

Assim me adormecessem! Caridosas

Em braçados de lírios, de mimosas,

No crepúsculo que desce me enterrassem!

A noite em sombra e fumo se desfaz...

Perfume de baunilha ou de lilás,

A noite põe embriagada, louca!

E a noite vai descendo, sempre calma...

Meu doce Amor tu beijas a minha alma

Beijando nesta hora a minha boca!

CARAVELAS

Cheguei a meio da vida já cansada

De tanto caminhar! Já me perdi!

Dum estranho país que nunca vi

Sou neste mundo imenso a exilada.

Tanto tenho aprendido e não sei nada.

E as torres de marfim que construí

Em trágica loucura as destruí

Por minhas próprias mãos de malfadada!

Se eu sempre fui assim este Mar-Morto,

Mar sem marés, sem vagas e sem porto

Onde velas de sonhos se rasgaram.

Caravelas doiradas a bailar...

Ai, quem me dera as que eu deitei ao Mar!

As que eu lancei à vida, e não voltaram!...

INCONSTÂNCIA

Procurei o amor que me mentiu.

Pedi à Vida mais do que ela dava.

Eterna sonhadora edificava

Meu castelo de luz que me caiu!

Tanto clarão nas trevas refulgiu,

E tanto beijo a boca me queimava!

E era o sol que os longes deslumbrava

Igual a tanto sol que me fugiu!

Passei a vida a amar e a esquecer...

Um sol a apagar-se e outro a acender

Nas brumas dos atalhos por onde ando...

E este amor que assim me vai fugindo

É igual a outro amor que vai surgindo,

Que há de partir também... nem eu sei quando...

O NOSSO MUNDO

Eu bebo a Vida, a Vida, a longos tragos

Como um divino vinho de Falerno!

Poisando em ti o meu amor eterno

Como poisam as folhas sobre os lagos...

Os meus sonhos agora são mais vagos...

O teu olhar em mim, hoje, é mais terno...

E a Vida já não é o rubro inferno

Todo fantasmas tristes e pressagos!

A vida, meu Amor, quer vivê-la!

Na mesma taça erguida em tuas mãos,

Bocas unidas hemos de bebê-la!

Que importa o mundo e as ilusões defuntas?...

Que importa o mundo e seus orgulhos vãos?...

O mundo, Amor?... As nossas bocas juntas!...

PRINCE CHARMANT

A Raul Proença

No lânguido esmaecer das amorosas

Tardes que morrem voluptuosamente

Procurei-O no meio de toda a gente.

Procurei-O em horas silenciosas

Das noites da minha alma tenebrosas!

Boca sangrando beijos, flor que sente...

Olhos postos num sonho, humildemente...

Mãos cheias de violetas e de rosas...

E nunca O encontrei!... Prince Charmant

Como audaz cavaleiro em velhas lendas

Virá, talvez, nas névoas da manhã!

Ah! Toda a nossa vida anda a quimera

Tecendo em frágeis dedos frágeis rendas...

- Nunca se encontra Aquele que se espera!...

ANOITECER

A luz desmaia num fulgor de aurora,

Diz-nos adeus religiosamente...

E eu, que não creio em nada, sou mais crente

Do que em menina, um dia, o fui... outrora...

Não sei o que em mim ri, o que em mim chora

Tenho bênçãos de amor pra toda a gente!

Como eu sou pequenina e tão dolente

No amargo infinito desta hora!

Horas tristes que são o meu rosário...

Ó minha cruz de tão pesado lenho!

Meu áspero e intérmino Calvário!

E a esta hora tudo em mim revive:

Saudades de saudades que não tenho...

Sonhos que são os sonhos dos que eu tive...

ESFINGE

Sou filha da charneca erma e selvagem.

Os giestais, por entre os rosmaninhos,

Abrindo os olhos de oiro, pelos caminhos,

Desta minha alma ardente são a imagem.

Embalo em mim um sonho vão, miragem:

Que tu e eu, em beijos e carinhos,

Eu a Charneca e tu o Sol, sozinhos,

Fôssemos um pedaço de paisagem!

E à noite, à hora doce da ansiedade

Ouviria da boca do luar

O De Profundis triste da saudade...

E à tua espera, enquanto o mundo dorme,

Ficaria, olhos quietos, a cismar...

Esfinge olhando a planície enorme...

TARDE DEMAIS...

Quando chegaste enfim, para te ver

Abriu-se a noite em mágico luar;

E pra o som de teus passos conhecer

Pôs-se o silêncio, em volta, a escutar...

Chegaste enfim! Milagre de endoidar!

Viu-se nessa hora o que não pode ser:

Em plena noite, a noite iluminar;

E as pedras do caminho florescer!

Beijando a areia de oiro dos desertos

Procura-te em vão! Braços abertos,

Pés nus, olhos a rir, a boca em flor!

E há cem anos que eu fui nova e linda!...

E a minha boca morta grita ainda:

"Por que chegaste tarde, Ó meu Amor?!..."

NOTURNO

Amor! Anda o luar todo bondade,

Beijando a terra, a desfazer-se em luz...

Amor! São os pés brancos de Jesus

Que andam pisando as ruas da cidade!

E eu ponho-me a pensar... Quanta saudade

Das ilusões e risos que em ti pus!

Traçaste em mim os braços duma cruz,

Neles pregaste a minha mocidade!

Minha alma, que eu te dei, cheia de mágoas,

E nesta noite o nenúfar dum lago

Estendendo as asas brancas sobre as águas!

Poisa as mãos nos meus olhos com carinho,

Fecha-os num beijo dolorido e vago...

E deixa-me chorar devagarinho...

CINZENTO

Poeiras de crepúsculos cinzentos,

Lindas rendas velhinhas, em pedaços,

Prendem-se aos meus cabelos, aos meus braços

Como brancos fantasmas, sonolentos...

Monges soturnos deslizando lentos,

Devagarinho, em misteriosos passos...

Perde-se a luz em lânguidos cansaços...

Ergue-se a minha cruz dos desalentos!

Poeiras de crepúsculos tristonhos,

Lembram-me o fumo leve dos meus sonhos,

A névoa das saudades que deixaste!

Hora em que o teu olhar me deslumbrou...

Hora em que a tua boca me beijou...

Hora em que fumo e névoa te tornaste...

MARIA DAS QUIMERAS

Maria das Quimeras me chamou

Alguém.. Pelos castelos que eu ergui

Pelas flores de oiro e azul que a sol teci

Numa tela de sonho que estalou.

Maria das Quimeras me ficou;

Com elas na minha alma adormeci.

Mas, quando despertei, nem uma vi

Que da minha alma, Alguém, tudo levou!

Maria das Quimeras, que fim deste

Às flores de oiro e azul que a sol bordaste,

Aos sonhos tresloucados que fizeste?

Pelo mundo, na vida, o que é que esperas?...

Aonde estão os beijos que sonhaste,

Maria das Quimeras, sem quimeras?...

SAUDADES

Saudades! Sim.. talvez.. e por que não?...

Se o sonho foi tão alto e forte

Que pensara vê-lo até à morte

Deslumbrar-me de luz o coração!

Esquecer! Para quê?... Ah, como é vão!

Que tudo isso, Amor, nos não importe.

Se ele deixou beleza que conforte

Deve-nos ser sagrado como o pão.

Quantas vezes, Amor, já te esqueci,

Para mais doidamente me lembrar

Mais decididamente me lembrar de ti!

E quem dera que fosse sempre assim:

Quanto menos quisesse recordar

Mais saudade andasse presa a mim!

O QUE ALGUÉM DISSE

"Refugia-te na Arte" diz-me Alguém

"Eleva-te num voo espiritual,

Esquece o teu amor, ri do teu mal,

Olhando-te a ti própria com desdém.

Só é grande e perfeito o que nos vem

Do que em nós é Divino e imortal!

Cega de luz e tonta de ideal

Busca em ti a Verdade e em mais ninguém!"

No poente doirado como a chama

Estas palavras morrem... E Naquele

Que é triste, como eu, fico a pensar...

O poente tem alma: sente e ama!

E, porque o sol é cor dos olhos de Ele,

Eu fico olhando o sol, a soluçar...

RUÍNAS

Se é sempre Outono o rir das Primaveras,

Castelos, um a um, deixa-os cair...

Que a vida é um constante derruir

De palácios do Reino das Quimeras!

E deixa sobre as ruínas crescer heras,

Deixa-as beijar as pedras e florir!

Que a vida é um contínuo destruir

De palácios do Reino das Quimeras!

Deixa tombar meus rútilos castelos!

Tenho ainda mais sonhos para erguê-los

Mais alto do que as águias pelo ar!

Sonhos que tombam! Derrocada louca!

São como os beijos duma linda boca!

Sonhos!... Deixa-os tombar... Deixa-os tombar.

CREPÚSCULO

Teus olhos, borboletas de oiro, ardentes

Batendo as asas leves, irisadas,

Poisam nos meus, suaves e cansadas

Como em dois lírios roxos e dolentes...

E os lírios fecham... Meu Amor, não sentes?

Minha boca tem rosas desmaiadas,

E as minhas pobres mãos são maceradas

Como vagas saudades de doentes...

O Silencio abre as mãos... entorna rosas...

Andam no ar carícias vaporosas

Como pálidas sedas, arrastando...

E a tua boca rubra ao pé da minha

É na suavidade da tardinha

Um coração ardente palpitando...

ÓDIO?

A Aurora Aboim

Ódio por Ele? Não... Se o amei tanto,

Se tanto bem lhe quis no meu passado,

Se o encontrei depois de o ter sonhado,

Se à vida assim roubei todo o encanto,

Que importa se mentiu? E se hoje o pranto

Turva o meu triste olhar, marmorizado,

Olhar de monja, trágico, gelado

Com um soturno e enorme Campo Santo!

Nunca mais o amar já é bastante!

Quero senti-lo doutra, bem distante,

Como se fora meu, calma e serena!

Ódio seria em mim saudade infinda,

Mágoa de o ter perdido, amor ainda!

Ódio por Ele? Não... não vale a pena...

RENÚNCIA

A minha mocidade há muito pus

No tranquilo convento da tristeza;

Lá passa dias, noites, sempre presa,

Olhos fechados, magras mãos em cruz...

Lá fora, a Noite, Satanás, seduz!

Desdobra-se em requintes de Beleza...

E como um beijo ardente a Natureza...

A minha cela é como um rio de luz...

Fecha os teus olhos bem! Não vejas nada!

Empalidece mais! E, resignada,

Prende os teus braços a uma cruz maior!

Gela ainda a mortalha que te encerra!

Enche a boca de cinzas e de terra

Ó minha mocidade toda em flor!

A VIDA

É vão o amor, o ódio, ou o desdém;

Inútil o desejo e o sentimento...

Lançar um grande amor aos pés de alguém

O mesmo é que lançar flores ao vento!

Todos somos no mundo "Pedro Sem",

Uma alegria é feita dum tormento,

Um riso é sempre o eco dum lamento,

Sabe-se lá um beijo donde vem!

A mais nobre ilusão morre... desfaz-se...

Uma saudade morta em nós renasce

Que no mesmo momento é já perdida...

Amar-te a vida inteira eu não podia...

A gente esquece sempre o bem dum dia.

Que queres, ó meu Amor, se é isto a Vida!...

HORAS RUBRAS

Horas profundas, lentas e caladas

Feitas de beijos rubros e ardentes,

De noites de volúpia, noites quentes

Onde há risos de virgens desmaiadas...

Oiço olaias em flor às gargalhadas...

Tombam astros em fogo, astros dementes,

E do luar os beijos languescentes

São pedaços de prata pelas estradas...

Os meus lábios são brancos como lagos...

Os meus braços são leves como afagos,

Vestiu-os o luar de sedas puras...

Sou chama e neve e branca e misteriosa...

E sou, talvez, na noite voluptuosa,

Ó meu Poeta, o beijo que procuras!

SUAVIDADE

Poisa a tua cabeça dolorida

Tão cheia de quimeras, de ideal

Sobre o regaço brando e maternal

Da tua doce Irmã compadecida.

Hás de contar-me nessa voz tão querida

Tua dor infantil e irreal,

E eu, pra te consolar, direi o mal

Que à minha alma profunda fez a Vida.

E hás de adormecer nos meus joelhos...

E os meus dedos enrugados, velhos,

Hão de fazer-se leves e suaves...

Hão de poisar-se num fervor de crente,

Rosas brancas tombando docemente

Sobre o teu rosto, como penas de aves...

PRINCESA DESALENTO

Minha alma é a Princesa Desalento,

Como um Poeta lhe chamou, um dia.

É revoltada, trágica, sombria,

Como galopes infernais de vento!

É frágil como o sonho dum momento,

Soturna como preces de agonia,

Vive do riso duma boca fria!

Minha alma é a Princesa Desalento...

Altas horas da noite ela vagueia...

E ao luar suavíssimo, que anseia,

Põe-se a falar de tanta coisa morta!

O luar ouve a minha alma, ajoelhado,

E vai traçar, fantástico e gelado,

A sombra duma cruz à tua porta...

SOMBRA

De olheiras roxas, roxas, quase pretas,

De olhos límpidos, doces, languescentes,

Lagos em calma, pálidos, dormentes

Onde se debruçassem violetas...

De mãos esguias, finas hastes quietas,

Que o vento não baloiça em noites quentes...

Noturno de Chopin... risos dolentes...

Versos tristes em sonhos de Poetas...

Beijo doce de aromas perturbantes...

Rosal bendito que dá rosas... Dantes

Esta era Eu e Eu era a Idolatrada!...

Ah, cinzas mortas! Ah, luz que se apaga!

Vou sendo, em ti, agora, a sombra vaga

DE alguém que dobra a curva duma estrada...

HORA QUE PASSA

Vejo-me triste, abandonada e só

Bem como um cão sem dono e que o procura

Mais pobre e desprezada do que Job

A caminhar na via da amargura!

Judeu Errante que a ninguém faz dó!

Minha alma triste, dolorida, escura,

Minha alma sem amor é cinza, é pó,

Vaga roubada ao Mar da Desventura!

Que tragédia tão funda no meu peito!...

Quanta ilusão morrendo que esvoaça!

Quanto sonho a nascer e já desfeito!

Deus! Como é triste a hora quando morre...

O instante que foge, voa, e passa...

Fiozinho de água triste... a vida corre...

DA MINHA JANELA

Mar alto! Ondas quebradas e vencidas

Num soluçar aflito, murmurado...

Vôo de gaivotas, leve, imaculado,

Como neves nos píncaros nascidas!

Sol! Ave a tombar, asas já feridas,

Batendo ainda num arfar pausado...

Ó meu doce poente torturado

Rezo-te em mim, chorando, mãos erguidas!

Meu verso de Samain cheio de graça,

Inda não és clarão já és luar

Como um branco lilás que se desfaça!

Amor! Teu coração traga-o no peito...

Pulsa dentro de mim como este mar

Num beijo eterno, assim, nunca desfeito!...

SOL POENTE

Tardinha... "Ave-Maria, Mãe de Deus..."

E reza a voz dos sinos e das noras...

O sol que morre tem clarões de auroras,

Águia que bate as asas pelo céu!

Horas que têm a cor dos olhos teus...

Horas evocadoras doutras horas...

Lembranças de fantásticos outroras,

De sonhos que não tenho e que eram meus!

Horas em que as saudades, pelas estradas,

Inclinam as cabeças martirizadas

E ficam pensativas... meditando...

Morrem verbenas silenciosamente...

E o rubro sol da tua boca ardente

Vai-me a pálida boca desfolhando...

EXALTAÇÃO

Viver! Beber o vento e o sol! Erguer

Ao céu os corações a palpitar!

Deus fez os nossos braços pra prender,

E a boca fez-se sangue pra beijar!

A chama, sempre rubra, ao alto a arder!

Asas sempre perdidas a pairar!

Mais alto até estrelas desprender!

A glória! A fama! Orgulho de criar!

Da vida tenho o mel e tenho os travos

No lago dos meus olhos de violetas,

Nos meus beijos estáticos, pagãos!

Trago na boca o coração dos cravos!

Boémios, vagabundos, e poetas,

Com eu sou vossa Irmã, ó meus Irmãos!

CHARNECA EM FLOR

Enche o meu peito, num encanto mago,

O frémito das coisas dolorosas...

Sob as urzes queimadas nascem rosas...

Nos meus olhos as lágrimas apago...

Anseio! Asas abertas! O que trago

Em mim? Eu oiço bocas silenciosas

Murmurar-me as palavras misteriosas

Que perturbam meu ser como um afago!

E nesta febre ansiosa que me invade,

Dispo a minha mortalha, o meu burel,

E, já não sou, Amor, Sóror Saudade...

Olhos a arder em êxtases de amor,

Boca a saber a sol, a fruto, a mel:

Sou a charneca rude a abrir em flor!

VERSOS DE ORGULHO

O mundo quer-me mal porque ninguém

Tem asas como eu tenho! Porque Deus

Me fez nascer Princesa entre plebeus

Numa torre de orgulho e de desdém!

Porque o meu Reino fica para Além!

Porque trago no olhar os vastos céus,

E os oiros e os clarões são todos meus!

Porque Eu sou Eu e porque Eu sou Alguém!

O mundo! O que é o mundo, ó meu amor?!

O jardim dos meus versos todo em flor,

A seara dos teus beijos, pão bendito,

Meus êxtases, meus sonhos, meus cansaços…

São os teus braços dentro dos meus braços:

Via Láctea fechando o Infinito!...

RÚSTICA

Ser a moça mais linda do povoado.

Pisar, sempre contente, o mesmo trilho,

Ver descer sobre o ninho aconchegado

A bênção do Senhor em cada filho.

Um vestido de chita bem lavado,

Cheirando a alfazema e a tomilho...

- Com o luar matar a sede ao gado,

Dar às pombas o sol num grão de milho...

Ser pura como a água da cisterna,

Ter confiança numa vida eterna

Quando descer à "terra da verdade"...

Deus, dai-me esta calma, esta pobreza!

Dou por elas meu trono de Princesa,

E todos os meus Reinos de Ansiedade.

REALIDADE

Em ti o meu olhar fez-se alvorada,

E a minha voz fez-se gorjeio de ninho,

E a minha rubra boca apaixonada

Teve a frescura pálida do linho.

Embriagou-me o teu beijo como um vinho

Fulvo de Espanha, em taça cinzelada,

E a minha cabeleira desatada

Pôs a teus pés a sombra dum caminho.

Minhas pálpebras são cor de verbena,

Eu tenho os olhos garços, sou morena,

E para te encontrar foi que eu nasci...

Tens sido vida fora o meu desejo,

E agora, que te falo, que te vejo,

Não sei se te encontrei, se te perdi...

CONTO DE FADAS

Eu trago-te nas mãos o esquecimento

Das horas más que tens vivido, Amor!

E para as tuas chagas o unguento

Com que sarei a minha própria dor.

Os meus gestos são ondas de Sorrento...

Trago no nome as letras de uma flor...

Foi dos meus olhos garços que um pintor

Tirou a luz para pintar o vento...

Dou-te o que tenho: o astro que dormita,

O manto dos crepúsculos da tarde,

O sol que é de oiro, a onda que palpita.

Dou-te comigo o mundo que Deus fez!

- Eu sou Aquela de quem tens saudade,

A Princesa do conto: “Era uma vez...”

A UM MORIBUNDO

Não tenhas medo, não! Tranquilamente,

Como adormece a noite pelo Outono,

Fecha os teus olhos, simples, docemente,

Como, à tarde, uma pomba que tem sono...

A cabeça reclina levemente

E os braços deixa-os ir ao abandono,

Como tombam, arfando, ao sol poente,

As asas de uma pomba que tem sono...

O que há depois? Depois?... O azul dos céus?

Um outro mundo? O eterno nada? Deus?

Um abismo? Um castigo? Uma guarida?

Que importa? Que te importa, ó moribundo?

- Seja o que for, será melhor que o mundo!

Tudo será melhor do que esta vida!...

EU

Até agora eu não me conhecia,

julgava que era Eu e eu não era

Aquela que em meus versos descrevera

Tão clara como a fonte e como o dia.

Mas que eu não era Eu não o sabia

mesmo que o soubesse, o não dissera...

Olhos fitos em rútila quimera

Andava atrás de mim... e não me via!

Andava a procurar-me - pobre louca!-

E achei o meu olhar no teu olhar,

E a minha boca sobre a tua boca!

E esta ânsia de viver, que nada acalma,

E a chama da tua alma a esbrasear

As apagadas cinzas da minha alma!

PASSEIO AO CAMPO

Meu Amor! Meu Amante! Meu Amigo!

Colhe a hora que passa, hora divina,

Bebe-a dentro de mim, bebe-a comigo!

Sinto-me alegre e forte! Sou menina!

Eu tenho, Amor, a cinta esbelta e fina...

Pele doirada de alabastro antigo...

Frágeis mãos de madona florentina...

- Vamos correr e rir por entre o trigo! –

Há rendas de gramíneas pelos montes...

Papoilas rubras nos trigais maduros...

Água azulada a cintilar nas fontes...

E à volta, Amor... tornemos, nas alfombras

Dos caminhos selvagens e escuros,

Num astro só as nossas duas sombras!...

TARDE NO MAR

A tarde é de oiro rútilo: esbraseia

O horizonte: um cacto purpurino.

E a vaga esbelta que palpita e ondeia,

Com uma frágil graça de menino,

Poisa o manto de arminho na areia

E lá vai, e lá segue ao seu destino!

E o sol, nas casas brancas que incendeia.

Desenha mãos sangrentas de assassino!

Que linda tarde aberta sobre o mar!

Vai deitando do céu molhos de rosas

Que Apolo se entretém a desfolhar...

E, sobre mim, em gestos palpitantes,

As tuas mãos morenas, milagrosas,

São as asas do sol, agonizantes...

SE TU VIESSES VER-ME...

Se tu viesses ver-me hoje à tardinha,

A essa hora dos mágicos cansaços,

Quando a noite de manso se avizinha,

E me prendesses toda nos teus braços...

Quando me lembra: esse sabor que tinha

A tua boca... o eco dos teus passos...

O teu riso de fonte... os teus abraços...

Os teus beijos... a tua mão na minha...

Se tu viesses quando, linda e louca,

Traça as linhas dulcíssimas dum beijo

E é de seda vermelha e canta e ri

E é como um cravo ao sol a minha boca...

Quando os olhos se me cerram de desejo...

E os meus braços se estendem para ti...

MISTÉRIO

Gosto de ti, ó chuva, nos beirados,

Dizendo coisas que ninguém entende!

Da tua cantilena se desprende

Um sonho de magia e de pecados.

Dos teus pálidos dedos delicados

Uma alada canção palpita e ascende,

Frases que a nossa boca não aprende

Murmúrios por caminhos desolados.

Pelo meu rosto branco, sempre frio,

Fazes passar o lúgubre arrepio

Das sensações estranhas, dolorosas...

Talvez um dia entenda o teu mistério...

Quando, inerte, na paz do cemitério,

O meu corpo matar a fome às rosas!

O MEU CONDÃO

Quis Deus dar-me o condão de ser sensível

Como o diamante à luz que o alumia,

Dar-me uma alma fantástica, impossível:

- Um bailado de cor e fantasia!

Quis Deus fazer de ti a ambrósia

Desta paixão estranha, ardente, incrível!

Erguer em mim o facho inextinguível,

Como um cinzel vincando uma agonia!

Quis Deus fazer-me tua... para nada!

- Vãos, os meus braços de crucificada,

Inúteis, esses beijos que te dei!

Anda! Caminha! Aonde?... Mas por onde?...

Se a um gesto dos teus a sombra esconde

O caminho de estrelas que tracei...

AS MINHAS MÃOS

As minhas mãos magritas, afiladas,

Tão brancas como a água da nascente,

Lembram pálidas rosas entornadas

Dum regaço de Infanta do Oriente.

Mãos de ninfa, de fada, de vidente,

Pobrezinhas em sedas enroladas,

Virgens mortas em luz amortalhadas

Pelas próprias mãos de oiro do sol-poente.

Magras e brancas... Foram assim feitas...

Mãos de enjeitada porque tu me enjeitas...

Tão doces que elas são! Tão a meu gosto!

Pra que as quero eu - Deus! - Pra que as quero eu?!

Ó minhas mãos, aonde está o céu?

...Aonde estão as linhas do teu rosto?

NOITINHA

A noite sobre nós se debruçou...

Minha alma ajoelha, põe as mãos e ora!

O luar, pelas colinas, nesta hora,

É água dum gomil que se entornou...

Não sei quem tanta pérola espalhou!

Murmura alguém pelas quebradas fora...

Flores do campo, humildes, mesmo agora.

A noite, os olhos brandos, lhes fechou...

Fumo beijando o colmo dos casais...

Serenidade idílica de fontes,

E a voz dos rouxinóis nos salgueirais...

Tranquilidade... calma... anoitecer...

Num êxtase, eu escuto pelos montes

O coração das pedras a bater...

LEMBRANÇA

Fui Essa que nas ruas esmolou

E fui a que habitou Paços Reais;

No mármore de curvas ogivais

Fui Essa que as mãos pálidas poisou...

Tanto poeta em versos me cantou!

Fiei o linho à porta dos casais...

Fui descobrir a Índia e nunca mais

Voltei! Fui essa nau que não voltou...

Tenho o perfil moreno, lusitano,

E os olhos verdes, cor do verde Oceano,

Sereia que nasceu de navegantes...

Tudo em cinzentas brumas se dilui...

Ah, quem me dera ser Essas que eu fui,

As que me lembro de ter sido... dantes!...

A NOSSA CASA

A nossa casa, Amor, a nossa casa!

Onde está ela, Amor, que não a vejo?

Na minha doida fantasia em brasa

Constrói-a, num instante, o meu desejo!

Onde está ela, Amor, a nossa casa,

O bem que neste mundo mais invejo?

O brando ninho aonde o nosso beijo

Será mais puro e doce que uma asa?

Sonho... que eu e tu, dois pobrezinhos,

Andamos de mãos dadas, nos caminhos

Duma terra de rosas, num jardim,

Num país de ilusão que nunca vi...

E que eu moro - tão bom! - dentro de ti

E tu, ó meu Amor, dentro de mim...

MENDIGA

Na vida nada tenho e nada sou;

Eu ando a mendigar pelas estradas...

No silêncio das noites estreladas

Caminho, sem saber para onde vou!

Tinha o manto do sol... quem mo roubou?!

Quem pisou minhas rosas desfolhadas?!

Quem foi que sobre as ondas revoltadas

A minha taça de oiro espedaçou?!

Agora vou andando e mendigando,

Sem que um olhar dos mundos infinitos

Veja passar o verme, rastejando...

Ah, quem me dera ser como os chacais

Uivando os brados, rouquejando os gritos

Na solidão dos ermos matagais!...

SUPREMO ENLEIO

Quanta mulher no teu passado, quanta!

Tanta sombra em redor! Mas que me importa?

Se delas veio o sonho que conforta,

A sua vinda foi três vezes santa!

Erva do chão que a mão de Deus levanta,

Folhas murchas de rojo à tua porta...

Quando eu for uma pobre coisa morta,

Quanta mulher ainda! Quanta! Quanta!

Mas eu sou a manhã: apago estrelas!

Hás de ver-me, beijar-me em todas elas,

Mesmo na boca da que for mais linda!

E quando a derradeira, enfim, vier,

Nesse corpo vibrante de mulher

Será o meu que hás de encontrar ainda...

TOLEDO

Diluído numa taça de oiro a arder

Toledo é um rubi. E hoje é só nosso!

O sol a rir... Vivalma... Não esboço

Um gesto que me não sinta esvaecer...

As tuas mãos tateiam-me a tremer...

Meu corpo de âmbar, harmonioso e moço

É como um jasmineiro em alvoroço

Ébrio de sol, de aroma, de prazer!

Cerro um pouco o olhar onde subsiste

Um romântico apelo vago e mudo,

- Um grande amor é sempre grave e triste.

Flameja ao longe o esmalte azul do Tejo...

Uma torre ergue ao céu um grito agudo...

Tua boca desfolha-me num beijo...

OUTONAL

Caem as folhas mortas sobre o lago;

Na penumbra outonal, não sei quem tece

As rendas do silêncio... Olha, anoitece!

- Brumas longínquas do País do Vago...

Veludos a ondear... Mistério mago...

Encantamento... A hora que não esquece,

A luz que a pouco e pouco desfalece,

Que lança em mim a bênção dum afago...

Outono dos crepúsculos doirados,

De púrpuras, damascos e brocados!

- Vestes a terra inteira de esplendor!

Outono das tardinhas silenciosas,

Das magníficas noites voluptuosas

Em que eu soluço a delirar de amor...

SER POETA

Ser Poeta é ser mais alto, é ser maior

Do que os homens! Morder como quem beija!

É ser mendigo e dar como quem seja

Rei do Reino de Aquém e de Além Dor!

É ter de mil desejos o esplendor

E não saber sequer que se deseja!

É ter cá dentro um astro que flameja,

É ter garras e asas de condor!

É ter fome, é ter sede de Infinito!

Por elmo, as manhãs de oiro e de cetim...

É condensar o mundo num só grito!

E é amar-te, assim, perdidamente...

É seres alma e sangue e vida em mim

E dizê-lo cantando a toda gente!

ALVORECER

A noite empalidece. Alvorecer...

Ouve-se mais o gargalhar da fonte...

Sobre a cidade muda, o horizonte

É uma orquídea estranha a florescer.

Há andorinhas prontas a dizer

A missa de alva, mal o sol desponte.

Gritos de galos soam monte em monte

Numa intensa alegria de viver.

Passos ao longe... um vulto que se esvai...

Em cada sombra Colombina trai...

Anda o silêncio em volta a quer falar...

E o luar que desmaia, macerado,

Lembra, pálido, tonto, esfarrapado,

Um Pierrot, todo branco, a soluçar...

MOCIDADE

A mocidade esplêndida, vibrante,

Ardente, extraordinária, audaciosa.

Que vê num cardo a folha duma rosa,

Na gota de água o brilho dum diamante;

Essa que fez de mim Judeu Errante

Do espírito, a torrente caudalosa,

Dos vendavais irmã tempestuosa,

- Trago-a em mim vermelha, triunfante!

No meu sangue rubis correm dispersos:

- Chamas subindo ao alto nos meus versos,

Papoilas nos meus lábios a florir!

Ama-me doida, estonteadoramente,

O meu Amor! que o coração da gente

É tão pequeno... e a vida, água a fugir...

AMAR!

Eu quero amar, amar perdidamente!

Amar só por amar: Aqui... além...

Mais Este e Aquele, o Outro e toda a gente...

Amar! Amar! E não amar ninguém!

Recordar? Esquecer? Indiferente!...

Prender ou desprender? É mal? É bem?

Quem disser que se pode amar alguém

Durante a vida inteira é porque mente!

Há uma Primavera em cada vida:

É preciso cantá-la assim florida,

Pois se Deus nos deu voz, foi pra cantar!

E se um dia hei de ser pó, cinza e nada

Que seja a minha noite uma alvorada,

Que me saiba perder... pra me encontrar...

NOSTALGIA

Nesse País de lenda, que me encanta,

Ficaram meus brocados, que despi,

E as joias que pelas aias reparti

Como outras rosas de Rainha Santa!

Tanta opala que eu tinha! Tanta, tanta!

Foi por lá que as semeei e que as perdi...

Mostrem-me esse País onde eu nasci!

Mostrem-me o Reino de que eu sou Infanta!

O meu País de sonho e de ansiedade,

Não sei se esta quimera que me assombra,

É feita de mentira ou de verdade!

Quero voltar! Não sei por onde vim...

Ah! Não ser mais que a sombra duma sombra

Por entre tanta sombra igual a mim!

AMBICIOSA

Para aqueles fantasmas que passaram,

Vagabundos a quem jurei amar,

Nunca os meus braços lânguidos traçaram

O vôo dum gesto para os alcançar...

Se as minhas mãos em garra se cravaram

Sobre um amor em sangue a palpitar...

- Quantas panteras bárbaras mataram

Só pelo raro gosto de matar!

Minha alma é como a pedra funerária

Erguida na montanha solitária

Interrogando a vibração dos céus!

O amor dum homem? - Terra tão pisada!

Gota de chuva ao vento baloiçada...

Um homem? - Quando eu sonho o amor dum deus!...

CRUCIFICADA

Amiga... noiva... irmã... o que quiseres!

Por ti, todos os céus terão estrelas,

Por teu amor, mendiga, hei de merecê-las,

Ao beijar a esmola que me deres.

Podes amar até outras mulheres!

- Hei de compor, sonhar palavras belas,

Lindos versos de dor só para elas,

Para em lânguidas noites lhes dizeres!

Crucificada em mim, sobre os meus braços,

Hei de poisar a boca nos teus passos

Pra não serem pisados por ninguém.

E depois... Ah! depois de dores tamanhas,

Nascerás outra vez de outras entranhas,

Nascerás outra vez de uma outra Mãe!

ESPERA...

Não me digas adeus, ó sombra amiga,

Abranda mais o ritmo dos teus passos;

Sente o perfume da paixão antiga,

Dos nossos bons e cândidos abraços!

Sou a dona dos místicos cansaços,

A fantástica e estranha rapariga

Que um dia ficou presa nos teus braços...

Não vás ainda embora, ó sombra amiga!

Teu amor fez de mim um lago triste:

Quantas ondas a rir que não lhe ouviste,

Quanta canção de ondinas lá no fundo!

Espera... espera... ó minha sombra amada...

Vê que pra além de mim já não há nada

E nunca mais me encontras neste mundo!...

INTERROGAÇÃO

A Guido Batelli

Neste tormento inútil, neste empenho

De tornar em silêncio o que em mim canta,

Sobem-me roucos brados à garganta

Num clamor de loucura que contenho.

Ó alma de charneca sacrossanta,

Irmã da alma rútila que eu tenho,

Dize pra onde vou, donde é que venho

Nesta dor que me exalta e me alevanta!

Visões de mundos novos, de infinitos,

Cadências de soluços e de gritos,

Fogueira a esbrasear que me consome!

Diz que mão é esta que me arrasta?

Nódoa de sangue que palpita e alastra...

Diz de que é que eu tenho sede e fome?!

VOLÚPIA

No divino impudor da mocidade,

Nesse êxtase pagão que vence a sorte,

Num frémito vibrante de ansiedade,

Dou-te o meu corpo prometido à morte!

A sombra entre a mentira e a verdade...

A nuvem que arrastou o vento norte...

- Meu corpo! Trago nele um vinho forte:

Meus beijos de volúpia e de maldade!

Trago dálias vermelhas no regaço...

São os dedos do sol quando te abraço,

Cravados no teu peito como lanças!

E do meu corpo os leves arabescos

Vão-te envolvendo em círculos dantescos

Felinamente, em voluptuosas danças...

FILTRO

Meu Amor, não é nada: - Sons marinhos

Numa concha vazia, choro errante...

Ah, olhos que não choram! Pobrezinhos...

Não há luz neste mundo que os levante!

Eu andarei por ti os maus caminhos

E as minhas mãos, abertas a diamante,

Hão de crucificar-se nos espinhos

Quando o meu peito for o teu mirante!

Para que corpos vis te não desejem,

Hei de dar-te o meu corpo, e a boca minha

Pra que bocas impuras te não beijem!

Como quem roça um lago que sonhou,

Minhas cansadas asas de andorinha

Hão de prender-te todo num só vôo...

MAIS ALTO

Mais alto, sim! mais alto, mais além

Do sonho, onde morar a dor da vida,

Até sair de mim! Ser a Perdida,

A que se não encontra! Aquela a quem

O mundo não conhece por Alguém!

Ser orgulho, ser águia na subida,

Até chegar a ser, entontecida,

Aquela que sonhou o meu desdém!

Mais alto, sim! Mais alto! A Intangível!

Turris Ebúrnea erguida nos espaços,

A rutilante luz dum impossível!

Mais alto, sim! Mais alto! Onde couber

O mal da vida dentro dos meus braços,

Dos meus divinos braços de Mulher!

NERVOS DE OIRO

Meus nervos, guizos de oiro a tilintar

Cantam-me na alma a estranha sinfonia

Da volúpia, da mágoa e da alegria,

Que me faz rir e que me faz chorar!

Em meu corpo fremente, sem cessar,

Agito os guizos de oiro da folia!

A Quimera, a Loucura, a Fantasia,

Num rubro turbilhão sinto-As passar!

O coração, numa imperial oferta.

Ergo-o ao alto! E, sobre a minha mão,

É uma rosa de púrpura, entreaberta!

E em mim, dentro de mim, vibram dispersos,

Meus nervos de oiro, esplêndidos, que são

Toda a Arte suprema dos meus versos!

A VOZ DA TÍLIA

Diz-me a tília a cantar: "Eu sou sincera,

Eu sou isto que vês: o sonho, a graça,

Deu ao meu corpo, o vento, quando passa,

Este ar escultural de bayadera...

E de manhã o sol é uma cratera,

Uma serpente de oiro que me enlaça...

Trago nas mãos as mãos da Primavera...

E é para mim que em noites de desgraça

Toca o vento Mozart, triste e solene,

E à minha alma vibrante, posta a nu,

Diz a chuva sonetos de Verlaine..."

E, ao ver-me triste, a tília murmurou:

"Já fui um dia poeta como tu...

Ainda hás de ser tília como eu sou..."

NÃO SER

Quem me dera voltar à inocência

Das coisas brutas, sãs, inanimadas,

Despir o vão orgulho, a incoerência:

- Mantos rotos de estátuas mutiladas!

Ah! arrancar às carnes laceradas

Seu mísero segredo de consciência!

Ah! poder ser apenas florescência

De astros em puras noites deslumbradas!

Ser nostálgico choupo ao entardecer,

De ramos graves, plácidos, absortos

Na mágica tarefa de viver!

Ser haste, seiva, ramaria inquieta,

Erguer ao sol o coração dos mortos

Na urna de oiro duma flor aberta!...

Quem fez ao sapo o leito carmesim

De rosas desfolhadas à noitinha?

E quem vestiu de monja a andorinha,

E perfumou as sombras do jardim?

Quem cinzelou estrelas no jasmim?

Quem deu esses cabelos de rainha

Ao girassol? Quem fez o mar? E a minha

Alma a sangrar? Quem me criou a mim?

Quem fez os homens e deu vida aos lobos?

Santa Teresa em místicos arroubos?

Os monstros? E os profetas? E o luar?

Quem nos deu asas para andar de rastros?

Quem nos deu olhos para ver os astros

- Sem nos dar braços para os alcançar?!...

IN MEMORIAM

Ao meu morto querido

Na cidade de Assis, "Il Poverello"

Santo, três vezes santo, andou pregando

Que o sol, a terra, a flor, o rocio brando,

Da pobreza o tristíssimo flagelo,

Tudo quanto há de vil, quanto há de belo,

Tudo era nosso irmão! - E assim sonhando,

Pelas estradas da Umbria foi forjando

Da cadeia do amor o maior elo!

"Olha o nosso irmão Sol, nossa irmã Água..."

Ah, Poverello! Em mim, essa lição

Perdeu-se como vela em mar de mágoa

Batida por furiosos vendavais!

Eu fui na vida a irmã dum só Irmão,

E já não sou a irmã de ninguém mais!

ÁRVORES DO ALENTEJO

Ao Prof Guido Battelli

Horas mortas... Curvada aos pés do Monte

A planície é um brasido... e, torturadas,

As árvores sangrentas, revoltadas,

Gritam a Deus a bênção duma fonte!

E quando, manhã alta, o sol posponte

A oiro a giesta, a arder, pelas estradas,

Esfíngicas, recortam desgrenhadas

Os trágicos perfis no horizonte!

Árvores! Corações, almas que choram,

Almas iguais à minha, almas que imploram

Em vão remédio para tanta mágoa!

Árvores! Não choreis! Olhai e vede:

- Também ando a gritar, morta de sede,

Pedindo a Deus a minha gota de água!

QUEM SABE?...

Ao Ângelo

Queria tanto saber por que sou Eu!

Quem me enjeitou neste caminho escuro?

Queria tanto saber por que seguro

Nas minhas mãos o bem que não é meu!

Quem me dirá se, lá no alto, o céu

Também é para o mau, para o perjuro?

Para onde vai a alma que morreu?

Queria encontrar Deus! Tanto o procuro!

A estrada de Damasco, o meu caminho,

O meu bordão de estrelas de ceguinho,

Água da fonte de que estou sedenta!

Quem sabe se este anseio de Eternidade,

A tropeçar na sombra, é a Verdade,

É já a mão de Deus que me acalenta?

A MINHA PIEDADE

A Bourbon e Meneses

Tenho pena de tudo quanto lida

Neste mundo, de tudo quanto sente,

Daquele a quem mentiram, de quem mente,

Dos que andam pés descalços pela vida,

Da rocha altiva, sobre o monte erguida,

Olhando os céus ignotos frente a frente,

Dos que não são iguais à outra gente,

E dos que se ensanguentam na subida!

Tenho pena de mim... pena de ti...

De não beijar o riso duma estrela...

Pena dessa má hora em que nasci...

De não ter asas para ir ver o céu...

De não ser Esta... a Outra... e mais Aquela...

De ter vivido e não ter sido Eu...

SOU EU!

À minha ilustre camarada Laura Haves

Pelos campos em fora, pelos combros,

Pelos montes que embalam a manhã,

Largo os meus rubros sonhos de pagã,

Enquanto as aves poisam nos meus ombros...

Em vão me sepultaram entre escombros

De catedrais duma escultura vã!

Olha-me o loiro sol tonto de assombros,

as nuvens, a chorar, chamam-me irmã!

Ecos longínquos de ondas... de universos..

Ecos dum Mundo... dum distante Além,

Donde eu trouxe a magia dos meus versos!

Sou eu! Sou eu! A que nas mãos ansiosas

Prendeu da vida, assim como ninguém,

Os maus espinhos sem tocar nas rosas!

PANTEÍSMO

Tarde de brasa a arder, sol de verão

Cingindo, voluptuoso, o horizonte...

Sinto-me luz e cor, ritmo e clarão

Dum verso triunfal de Anacreonte!

Vejo-me asa no ar, erva no chão,

Oiço-me gota de água a rir, na fonte,

E a curva altiva e dura do Marão

É o meu corpo transformado em monte!

E de bruços na terra penso e cismo

Que, neste meu ardente panteísmo

Nos meus sentidos postos e absortos

Nas coisas luminosas deste mundo,

A minha alma é o túmulo profundo

Onde dormem, sorrindo, os deuses mortos!

MINHA TERRA

Ó minha terra na planície rasa,

Branca de sol e cal e de luar,

Minha terra que nunca viu o mar

Onde tenho o meu pão e a minha casa...

Minha terra de tardes sem uma asa,

Sem um bater de folha... a dormitar...

Meu anel de rubis a flamejar,

Minha terra mourisca a arder em brasa!

Minha terra onde meu irmão nasceu...

Aonde a mãe que eu tive e que morreu,

Foi moça e loira, amou e foi amada...

Truz... truz... truz... Eu não tenho onde me acoite,

Sou um pobre de longe, é quase noite...

Terra, quero dormir... dá-me pousada!

A UMA RAPARIGA

À Nice

Abre os olhos e encara a vida! A sina

Tem que cumprir-se! Alarga os horizontes!

Por sobre lamaçais alteia pontes

Com tuas mãos preciosas de menina.

Nessa estrada da vida que fascina

Caminha sempre em frente, além dos montes!

Morde os frutos a rir! Bebe nas fontes!

Beija aqueles que a sorte te destina!

Trata por tu a mais longínqua estrela,

Escava com as mãos a própria cova

E depois, a sorrir, deita-te nela!

Que as mãos da terra façam, com amor,

Da graça do teu corpo, esguia e nova,

Surgir à luz a haste duma flor!...

MINHA CULPA

Sei lá! Sei lá! Eu sei lá bem

Quem sou?! Um fogo-fátuo, uma miragem...

Sou um reflexo... um canto de paisagem

Ou apenas cenário! Um vaivém...

Como a sorte: hoje aqui, depois além!

Sei lá quem Sou?! Sei lá! Sou a roupagem

Dum doido que partiu numa romagem

E nunca mais voltou! Eu sei lá quem!...

Sou um verme que um dia quis ser astro...

Uma estátua truncada de alabastro...

Uma chaga sangrenta do Senhor...

Sei lá quem sou?! Sei lá! Cumprindo os fados,

Num mundo de vaidades e pecados,

Sou mais um mau, sou mais um pecador...

TEUS OLHOS

Olhos do meu Amor! Infantes loiros

Que trazem os meus presos, endoidados!

Neles deixei, um dia, os meus tesoiros:

Meus anéis. minhas rendas, meus brocados.

Neles ficaram meus palácios moiros,

Meus carros de combate, destroçados,

Os meus diamantes, todos os meus oiros

Que trouxe de Além-Mundos ignorados!

Olhos do meu Amor! Fontes... cisternas..

Enigmáticas campas medievais...

Jardins de Espanha... catedrais eternas...

Berço vinde do céu à minha porta...

Ó meu leite de núpcias irreais!...

Meu sumptuoso túmulo de morta!...

É um não querer mais que bem querer; (Camões)

I

Gosto de ti apaixonadamente,

De ti que és a vitória, a salvação,

De ti que me trouxeste pela mão

Até ao brilho desta chama quente.

A tua linda voz de água corrente

Ensinou-me a cantar... e essa canção

Foi ritmo nos meus versos de paixão,

Foi graça no meu peito de descrente.

Bordão a amparar minha cegueira,

Da noite negra o mágico farol,

Cravos rubros a arder numa fogueira!

E eu, que era neste mundo uma vencida,

Ergo a cabeça ao alto, encaro o sol!

- Águia real, apontas-me a subida!

É um não querer mais que bem querer. (Camões)

II

Meu Amor, meu Amado, vê... repara:

Poisa os teus lindos olhos de oiro em mim,

- Dos meus beijos de amor Deus fez-me avara

Para nunca os contares até ao fim.

Meus olhos têm tons de pedra rara,

E só para teu bem que os tenho assim

-E as minhas mãos são fontes de água clara

A cantar sobre a sede dum jardim.

Sou triste como a folha ao abandono

Num parque solitário, pelo Outono,

Sobre um lago onde vogam nenúfares...

Deus fez-me atravessar o teu caminho...

- Que contas dás a Deus indo sozinho,

Passando junto a mim, sem me encontrares? –

É um não querer mais que bem querer; (Camões)

III

Frémito do meu corpo a procurar-te,

Febre das minhas mãos na tua pele

Que cheira a âmbar, a baunilha e a mel,

Doido anseio dos meus braços a abraçar-te,

Olhos buscando os teus por toda a parte,

Sede de beijos, amargor de fel,

Estonteante fome, áspera e cruel,

Que nada existe que a mitigue e a farte!

E vejo-te tão longe! Sinto a tua alma

Junto da minha, uma lagoa calma,

A dizer-me, a cantar que me não amas...

E o meu coração que tu não sentes,

Vai boiando ao acaso das correntes,

Esquife negro sobre um mar de chamas...

É um não querer mais que bem querer; (Camões)

IV

És tu! És tu! Sempre vieste, enfim!

Oiço de novo o riso dos teus passos!

És tu que eu vejo a estender-me os braços

Que Deus criou pra me abraçar a mim!

Tudo é divino e santo visto assim.

Foram-se os desalentos, os cansaços..

O mundo não é mundo: é um jardim!

Um céu aberto: longes, os espaços!

Prende-me toda, Amor, prende-me bem!

Que vês tu em redor? Não há ninguém!

A terra? - Um astro morto que flutua...

Tudo o que é chama a arder, tudo o que sente

Tudo o que é vida e vibra eternamente

É tu seres meu, Amor, e eu ser tua!

É um não querer mais que bem querer; (Camões)

V

Diz-me, Amor, como te sou querida,

Conta-me a glória do teu sonho eleito,

Aninha-me a sorrir junto ao teu peito,

Arranca-me dos pântanos da vida.

Embriagada numa estranha lida,

Trago nas mãos o coração desfeito,

Mostra-me a luz, ensina-me o preceito

Que me salve e levante redimida!

Nesta negra cisterna em que me afundo.

Sem quimeras, sem crenças, sem ternura,

Agonia sem fé dum moribundo,

Grito o teu nome numa sede estranha,

Como se fosse, Amor, toda a frescura

Das cristalinas águas da montanha!

É um não querer mais que bem querer; (Camões)

VI

Falo de ti às pedras das estradas,

E ao sol que é loiro como o teu olhar,

Falo ao rio, que desdobra a faiscar,

Vestidos de Princesas e de Fadas;

Falo às gaivotas de asas desdobradas,

Lembrando lenços brancos a acenar,

E aos mastros que apunhalam o luar

Na solidão das noites consteladas;

Digo os anseios, os sonhos, os desejos

Donde a tua alma, tonta de vitória

Levanta ao céu a torre dos meus beijos!

E os meus gritos de amor, cruzando o espaço,

Sobre os brocados fúlgidos da glória,

São astros que me tombam do regaço!

É um não querer mais que bem querer; (Camões)

VII

São mortos os que nunca acreditaram

Que esta vida é somente uma passagem,

Um atalho sombrio, uma paisagem

Onde os nossos sentidos se poisaram.

São mortos os que nunca alevantaram

Dentre escombros a Torre de Menagem

Dos seus sonhos de orgulho e de coragem,

E os que não riram e os que não choraram.

Que Deus faça de mim, quando eu morrer,

Quando eu partir para o País da Luz,

A sombra calma dum entardecer,

Tombando, em doces pregas de mortalha,

Sobre o teu corpo heroico, posto em cruz,

Na solidão dum campo de batalha!

É um não querer mais que bem querer; (Camões)

VIII

Abrir os olhos, procurar a luz,

De coração erguido ao alto, em chama,

Que tudo neste mundo se reduz

A ver os astros cintilar na lama!

Amar o sol da glória e a voz da fama

Que em clamorosos gritos se traduz!

Com misericórdia, amar quem nos não ama,

E deixar que nos preguem numa cruz!

Sobre um sonho desfeito erguer a torre

Doutro sonho mais alto e, se esse morre,

Mais outro e outro ainda, toda a vida!

Que importa que nos vençam desenganos,

Se pudermos contar os nossos anos

Assim como degraus duma subida?

É um não querer mais que bem querer; (Camões)

IX

Perdi os meus fantásticos castelos

Como névoa distante que se esfuma...

Quis vencer, quis lutar, quis defendê-los:

Quebrei as minhas lanças uma a uma!

Perdi minhas galeras entre os gelos

Que se afundaram sobre um mar de bruma...

- Tantos escolhos! Quem podia vê-los? -

Deitei-me ao mar e não salvei nenhuma!

Perdi a minha taça, o meu anel,

A minha cota de aço, o meu corcel,

Perdi meu elmo de oiro e pedrarias...

Sobem-me aos lábios súplicas estranhas...

Sobre o meu coração pesam montanhas...

Olho assombrada as minhas mãos vazias...

É um não querer mais que bem querer; (Camões)

X

Eu queria mais altas as estrelas,

Mais largo o espaço, o sol mais criador,

Mais refulgente a lua, o mar maior,

Mais cavadas as ondas e mais belas;

Mais amplas, mais rasgadas as janelas

Das almas, mais rosais a abrir em flor,

Mais montanhas, mais asas de condor,

Mais sangue sobre a cruz das caravelas!

E abrir os braços e viver a vida,

- Quanto mais funda e lúgubre a descida

Mais alta é a ladeira que não cansa!

E, acabada a tarefa... em paz, contente,

Um dia adormecer, serenamente,

Como dorme no berço uma criança!

POBREZINHA

Nas nossas duas sinas tão contrárias

Um pelo outro somos ignorados:

Sou filha de regiões imaginárias,

Tu pisas mundos firmes já pisados.

Trago no olhar visões extraordinárias

De coisas que abracei de olhos fechados... -

Em mim não trago nada, como os párias...

Só tenho os astros, como os deserdados...

E das tuas riquezas e de ti

Nada me deste e eu nada recebi,

Nem o beijo que passa e que consola.

E o meu corpo, minha alma e coração

Tudo em risos poisei na tua mão!...

...Ah, como é bom um pobre dar esmola!...

ROSEIRA BRAVA

Há nos teus olhos de oiro um tal fulgor

E no teu riso tanta claridade,

Que o lembrar-me de ti é ter saudade

Duma roseira brava toda em flor.

Tuas mãos foram feitas para a dor,

Para os gestos de doçura e piedade;

E os teus beijos de sonho e de ansiedade

São como a alma a arder do próprio amor!

Nasci envolta em trajes de mendiga;

E, ao dares-me o teu amor de maravilha,

Deste-me o manto de oiro de rainha!

Tua irmã... teu amor... e tua amiga...

E também - toda em flor - a tua filha,

Minha roseira brava que é só minha!...

NAVIOS-FANTASMAS

O arabesco fantástico do fumo

Do meu cigarro traça o que disseste,

A azul, no ar; e o que me escreveste,

E tudo o que sonhaste e eu presumo.

Para a minha alma estática e sem rumo,

A lembrança de tudo o que me deste

Passa como o navio que perdeste,

No arabesco fantástico do fumo...

Lá vão! Lá vão! Sem velas e sem mastros,

Têm o brilho rutilante de astros,

Navios-fantasmas, perdem-se a distância!

Vão-me buscar, sem mastros e sem velas,

Noiva-menina, as doidas caravelas,

Ao ignoto País da minha infância...

O MEU SONETO

Em atitudes e em ritmos fleumáticos,

Erguendo as mãos em gestos recolhidos,

Todos os brocados fúlgidos, hieráticos,

Em ti andam bailando os meus sentidos...

E os meus olhos serenos, enigmáticos,

Meninos que na estrada andam perdidos,

Dolorosos, tristíssimos, extáticos,

São letras de poemas nunca lidos...

As magnólias abertas dos meus dedos

São mistérios, são filtros, são enredos

Que pecados de amor trazem de rastos...

E a minha boca, a rútila manhã,

Na Via Láctea, lírica, pagã,

A rir desfolha as pétalas dos astros!...

NIHIL NOVUM

Na penumbra do pórtico encantado

De Bruges, noutras eras, já vivi;

Vi os templos do Egipto com Loti;

Lancei flores, na Índia, ao rio sagrado.

No horizonte de bruma opalizado,

Frente ao Bósforo errei, pensando em ti!

O silêncio dos claustros conheci

Pelos poentes de nácar e brocado...

Mordi as rosas brancas de Ispahan

E o gosto a cinza em todas era igual!

Sempre a charneca bárbara e deserta,

Triste, a florir numa ansiedade vã!

Sempre da vida - o mesmo estranho mal,

E o coração - a mesma chaga aberta!

ÉVORA

Évora! Ruas ermas sob os céus

Cor de violetas roxas... Ruas frades

Pedindo em triste penitência a Deus

Que nos perdoe as míseras vaidades!

Tenho corrido em vão tantas cidades!

E só aqui recordo os beijos teus,

E só aqui eu sinto que são meus

Os sonhos que sonhei noutras idades!

Évora!... O teu olhar... o teu perfil...

Tua boca sinuosa, um mês de Abril

Que o coração no peito me alvoroça!

...Em cada viela o vulto dum fantasma...

E a minha alma soturna escuta e pasma...

E sente-se passar menina-e-moça...

À JANELA DE GARCIA DE REZENDE

Janela antiga sobre a rua plana...

Ilumina-a o luar com o seu clarão...

Dantes, a descansar de luta insana,

Fui, talvez, flor no poético balcão...

Dantes! Da minha glória altiva e ufana,

Talvez... Quem sabe?... Tonto de ilusão,

Meu rude coração de alentejana

Me palpitasse ao luar nesse balcão...

Mística dona, em outras Primaveras,

Em refulgentes horas de outras eras,

Vi passar o cortejo ao sol doirado...

Bandeiras! Pajens! O pendão real!

E na tua mão, vermelha, triunfal,

Minha divisa: um coração chagado!...

O MEU IMPOSSÍVEL

Minha alma ardente é uma fogueira acesa,

É um brasido enorme a crepitar!

Ânsia de procurar sem encontrar

A chama onde queimar uma incerteza!

Tudo é vago e incompleto! E o que mais pesa

É nada ser perfeito! É deslumbrar

A noite tormentosa até cegar

E tudo ser em vão! Deus, que tristeza!...

Aos meus irmãos na dor já disse tudo

E não me compreenderam!... Vão e mudo

Foi tudo o que entendi e o que pressinto...

Mas se eu pudesse, a mágoa que em mim chora.

Contar, não a chorava como agora,

Irmãos, não a sentia como a sinto!...

EM VÃO

Passo triste na vida e triste sou

Um pobre a quem jamais quiseram bem!

Um caminhante exausto que passou,

Que não diz onde vai nem donde vem.

Ah! Sem piedade, a rir, tanto desdém

A flor da minha boca desdenhou!

Solitário convento onde ninguém

A silenciosa cela procurou!

E eu quero bem a tudo, a toda a gente!...

Ando a amar assim, perdidamente,

A acalentar o mundo nos meus braços!

E tem passado, em vão, a mocidade

Sem que no meu caminho uma saudade

Abra em flores a sombra dos meus passos!

VOZ QUE SE CALA

Amo as pedras, os astros e o luar

Que beija as ervas do atalho escuro,

Amo as águas de anil e o doce olhar

Dos animais, divinamente puro.

Amo a hera que entende a voz do muro,

E dos sapos, o brando tilintar

De cristais que se afagam devagar,

E da minha charneca o rosto duro.

Amo todos os sonhos que se calam

De corações que sentem e não falam,

Tudo o que é Infinito e pequenino!

Asa que nos protege a todos nós!

Soluço imenso, eterno, que é a voz

Do nosso grande e mísero Destino!...

PARA QUÊ?

Ao velho amigo João

Para que ser o musgo do rochedo

Ou urze atormentada da montanha?

Se a arranca a ansiedade e o medo

E este enleio e esta angústia estranha

E todo este feitiço e este enredo

Do nosso próprio peito? E é tamanha

E tão profunda a gente que o segredo

Da vida como um grande mar nos banha?

Pra que ser asa quando a gente voa

De que serve ser cântico se entoa

Toda a canção de amor do Universo?

Para que ser altura e ansiedade,

Se se pode gritar uma Verdade

Ao mundo vão nas sílabas dum verso?

SONHO VAGO

Um sonho alado que nasceu num instante,

Erguido ao alto em horas de demência...

Gotas de água que tombam em cadência

Na minha alma tristíssima, distante...

Onde está ele o Desejado? O Infante?

O que há de vir e amar-me em doida ardência?

O das horas de mágoa e penitência?

O Príncipe Encantado? O Eleito? O Amante?

E neste sonho eu já nem sei quem sou...

O brando marulhar dum longo beijo

Que não chegou a dar-se e que passou...

Um fogo-fátuo rútilo, talvez...

E eu ando a procurar-te e já te vejo!...

E tu já me encontraste e não me vês!...

PRIMAVERA

É Primavera agora, meu Amor!

O campo despe a veste de estamenha;

Não há árvore nenhuma que não tenha

O coração aberto, todo em flor!

Ah! Deixa-te vogar, calmo, ao sabor

Da vida... não há bem que nos não venha

Dum mal que o nosso orgulho em vão desdenha!

Não há bem que não possa ser melhor!

Também despi meu triste burel pardo,

E agora cheiro a rosmaninho e a nardo

E ando agora tonta, à tua espera...

Pus rosas cor-de-rosa em meus cabelos...

Parecem um rosal! Vem desprendê-los!

Meu Amor, meu Amor, é Primavera!...

BLASFÊMIA

Cala-te... Escuta... Não me digas nada...

Cai a noite nos longes donde vim...

Toda eu sou alma e amor! Sou um jardim!

Um pátio alucinante de Granada!

Dos meus cílios, a sombra enluarada,

Quando os teus olhos descem sobre mim,

Traça trémulas hastes de jasmim

Na palidez da face extasiada!

Sou no teu rosto a luz que o alumia...

Sou a expressão das tuas mãos de raça...

E os beijos que me dás já foram meus...

Em ti sou glória, altura e poesia!

E vejo-me (Oh, milagre cheio de graça!)

Dentro de ti, em ti, igual a Deus!...

[sem título]

Passam no teu olhar nobres cortejos,

Frotas, pendões ao vento sobranceiros.

Lindos versos de antigos romanceiros,

Céus do Oriente, em brasa, como beijos,

Mares onde não cabem teus desejos;

Passam no teu olhar mundos inteiros,

Todo um povo de heróis e marinheiros,

Lanças nuas em rútilos lampejos;

Passam lendas e sonhos e milagres!

Passa a Índia, a visão do Infante em Sagres,

Em centelhas de crença e de certeza!

E ao sentir-te tão grande, ao ver-te assim,

Amor, julgo trazer dentro de mim

Um pedaço da terra portuguesa!

NOITE DE CHUVA

Chuva... Que gotas grossas!... Vem ouvir:

Uma... duas... mais outra que desceu...

É Viviana, é Melusina a rir,

São rosas brancas dum rosal do céu...

Os lilases deixaram-se dormir...

Nem um frémito... a terra emudeceu...

Amor! Vem ver estrelas a cair:

Uma... duas... mais outra que desceu...

Fala baixo, juntinho ao meu ouvido,

Que essa fala de amor seja um gemido,

Um murmúrio, um soluço, um ai desfeito...

Ah, deixa à noite o seu encanto triste!

E a mim... o teu amor que mal existe,

Chuva a cair na noite do meu peito!

TARDE DE MÚSICA

Só Schumann, meu Amor! Serenidade...

Não assustes os sonhos... Ah!, não varras

As quimeras... Amor, senão esbarras

Na minha vaga imaterialidade...

Liszt, agora, o brilhante; o piano arde...

Beijos alados... ecos de fanfarras...

Pétalas dos teus dedos feito garras...

Como cai em pó de oiro o ar da tarde!

Eu olhava para ti... "É lindo! Ideal!"

Gemeram nossas vozes confundidas.

- Havia rosas cor-de-rosa aos molhos –

Falavas de Liszt e eu... da musical

Harmonia das pálpebras descidas,

Do ritmo dos teus cílios sobre os olhos...

CHOPIN

Não se acende hoje a luz... Todo o luar

Fique lá fora. Bem aparecidas

As estrelas miudinhas, dando no ar

As voltas dum cordão de margaridas!

Entram falenas meio entontecidas...

Lusco-fusco... Um morcego, a palpitar,

Passa... torna a passar... torna a passar...

As coisas têm o ar de adormecidas...

Mansinho... Roça os dedos pelo teclado,

No vago arfar que tudo alteia e doira,

Alma, Sacrário de Almas, meu Amado!

E, enquanto o piano a doce queixa exala,

Divina e triste, a grande sombra loira,

Vem para mim da escuridão da sala...

O MEU DESEJO

Vejo-te só a ti no azul dos céus,

Olhando a nuvem de oiro que flutua...

Ó minha perfeição que criou Deus

E que num dia lindo me fez sua!

Nos altos que diviso pela rua,

Que cruzam os seus passos com os meus...

Minha boca tem fome só da tua!

Meus olhos têm sede só dos teus!

Sombra da tua sombra, doce e calma,

Sou a grande quimera da tua alma

E, sem viver, ando a viver contigo...

Deixa-me andar assim no teu caminho

Por toda a vida, Amor, devagarinho,

Até a morte me levar consigo...

ESCRAVA

Ó meu Deus, ó meu dono, ó meu senhor,

Eu te saúdo, olhar do meu olhar,

Fala da minha boca a palpitar,

Gesto das minhas mãos tontas de amor!

Que te seja propício o astro e a flor,

Que a teus pés se incline a terra e o mar,

Pelos séculos dos séculos sem par,

Ó meu Deus, ó meu dono, ó meu senhor!

Eu, doce e humilde escrava, te saúdo,

E, de mãos postas, em sentida prece,

Canto teus olhos de oiro e de veludo.

Ah, esse verso imenso de ansiedade,

Esse verso de amor que te fizesse

Ser eterno por toda a Eternidade!...

DIVINO INSTANTE

Ser uma pobre morta inerte e fria,

Hierática, deitada sob a terra,

Sem saber se no mundo há paz ou guerra,

Sem ver nascer, sem ver morrer o dia,

Luz apagada ao alto e que alumia,

Boca fechada à fala que não erra,

Urna de bronze que a Verdade encerra,

Ah! ser Eu essa morta inerte e fria!

Ah, fixar o efémero! Esse instante

Em que o teu beijo sôfrego de amante

Queima o meu corpo frágil de âmbar loiro;

Ah, fixar o momento em que, dolente,

Tuas pálpebras descem, lentamente,

Sobre a vertigem dos teus olhos de oiro!

SILÊNCIO!...

No fadário que é meu, neste penar,

Noite alta, noite escura, noite morta,

Sou o vento que geme e quer entrar,

Sou o vento que vai bater-te à porta...

Vivo longe de ti, mas que me importa?

Se eu já não vivo em mim! Ando a vaguear

Em roda à tua casa, a procurar

Beber-te a voz, apaixonada, absorta!

Estou junto de ti e não me vês...

Quantas vezes no livro que tu lês

Meu olhar se poisou e se perdeu!

Trago-te como um filho nos meus braços!

E na tua casa... Escuta!... Uns leves passos...

Silêncio, meu Amor!... Abre! Sou eu!...

O MAIOR BEM

Este querer-te bem sem me quereres,

Este sofrer por ti constantemente

Andar atrás de ti sem tu me veres

Faria piedade a toda a gente.

Mesmo a beijar-me a tua boca mente...

Quantos sangrentos beijos de mulheres

Poisa na minha a tua boca ardente,

E quanto engano nos seus vãos dizeres!...

Mas que me importa a mim que me não queiras.

Se esta pena, esta dor, estas canseiras,

Este mísero pungir, árduo e profundo

Do teu frio desamor, dos teus desdéns,

E, na vida, o mais alto dos meus bens?

É tudo quanto eu tenho neste mundo?

OS MEUS VERSOS

Rasga esses versos que eu te fiz, Amor!

Deita-os ao nada, ao pó ao esquecimento,

Que a cinza os cubra, que os arraste o vento,

Que a tempestade os leve aonde for!

Rasga-os na mente, se os souberes de cor,

Que volte ao nada o nada dum momento.

Julguei-me grande pelo sentimento,

E pelo orgulho ainda sou maior!...

Tanto verso já disse o que eu sonhei!

Tantos penaram já o que eu penei!

Asas que passam, todo o mundo as sente...

Rasga os meus versos... Pobre endoidecida!

Como se um grande amor cá nesta vida

Não fosse o mesmo amor de toda a gente!...

AMOR QUE MORRE

O nosso amor morreu... Quem o diria!

Quem o pensara mesmo ao ver-me tonta.

Ceguinha de te ver, sem ver a conta

Do tempo que passava, que fugia!

Bem estava a sentir que ele morria...

E outro clarão, ao longe, já desponta!

Um engano que morre... e logo aponta

A luz doutra miragem fugidia...

Eu bem sei, meu Amor, que pra viver

São precisos amores, pra morrer

E são precisos sonhos pra partir.

Eu bem sei, meu Amor, que era preciso

Fazer do amor que parte o claro riso

Doutro amor impossível que há de vir!

[sem título]

....

....

....

....

E não sou de ninguém... Quem me quiser

Há de ser luz do sol em tardes quentes,

Nos olhos de água clara há de trazer

As fúlgidas pupilas das videntes!

Há de ser seiva no botão repleto

Voz no murmúrio do pequeno inseto,

Vento que enfuna as velas sobre os mastros!...

Há de ser Outro e Outro num momento!

Força viva, brutal, em movimento,

Astro arrastando catadupas de astros!

SOBRE A NEVE

Sobre mim, teu desdém, pesado jaz

Como um manto de neve... Quem dissera

Porque tombou em plena Primavera

Toda essa neve que o Inverno traz!

Coroavas-me inda há pouco de lilás

E de rosas silvestres... quando eu era

Aquela que o Destino prometera

Aos teus rútilos sonhos de rapaz!

Dos beijos que me deste não te importas,

Asas paradas de andorinhas mortas...

Folhas de Outono em correria louca...

Mas inda um dia, em mim, ébrio de cor,

Há de nascer um roseiral em flor

Ao sol de Primavera doutra boca!

VÃO ORGULHO

Neste mundo vaidoso o amor é nada,

É um orgulho a mais, outra vaidade,

A coroa de loiros desfolhada

Com que se espera a Imortalidade.

Ser Beatriz! Natércia! Irrealidade...

Mentira... Engano de alma desvairada...

Onde está desses braços a verdade,

Essa fogueira em cinzas apagada?...

Mentira! Não te quis... não me quiseste...

Eflúvios subtis dum bem celeste?

Gestos... palavras sem nenhum condão...

Mentira! Não fui tua... não! Somente...

Quis ser mais do que sou, mais do que gente,

No alto orgulho de o ter sido em vão!...

ÚLTIMO SONHO DE "SÓROR SAUDADE"

Àquele que se perdera no caminho...

Sóror Saudade abriu a sua cela...

E, num encanto que ninguém traduz,

Despiu o manto negro que era dela,

Seu vestido de noiva de Jesus.

E a noite escura, extasiada ao vê-la,

As brancas mãos no peito quase em cruz,

Teve um brilhar feérico de estrela

Que se esfolhasse em pétalas de luz!

Sóror Saudade olhou... Que olhar profundo

Que sonha e espera?... Ah! como é feio o mundo.

E os homens vãos! - Então, devagarinho,

Sóror Saudade entrou no seu convento...

E, até morrer, rezou, sem um lamento,

Por Um que se perdera no caminho!...

ESQUECIMENTO

Esse de quem eu era e que era meu,

Que foi um sonho e foi realidade,

Que me vestiu a alma de saudade,

Para sempre de mim desapareceu.

Tudo em redor então escureceu,

E foi longínqua toda a claridade!

Ceguei... tateio sombras... Que ansiedade!

Apalpo cinzas porque tudo ardeu!

Descem em mim poentes de Novembro...

A sombra dos meus olhos, a escurecer...

Veste de roxo e negro os crisântemos...

E desse que era meu já me não lembro...

Ah, a doce agonia de esquecer

A lembrar doidamente o que esquecemos!...

LOUCURA

Tudo cai! Tudo tomba! Derrocada

Pavorosa! Não sei onde era dantes.

Meu solar, meus palácios meus mirantes!

Não sei de nada, Deus, não sei de nada!...

Passa em tropel febril a cavalgada

Das paixões e loucuras triunfantes!

Rasgam-se as sedas, quebram-se os diamantes!

Não tenho nada, Deus, não tenho nada!...

Pesadelos de insónia, ébrios de anseio!

Loucura a esboçar-se, a enegrecer

Cada vez mais as trevas do meu seio!

Ó pavoroso mal de ser sozinha!

Ó pavoroso e atroz mal de trazer

Tantas almas a rir dentro da minha!

DEIXAI ENTRAR A MORTE

Deixai entrar a Morte, a Iluminada,

A que vem para mim, pra me levar.

Abri todas as portas par em par

Com asas a bater em revoada.

Que sou eu neste mundo? A deserdada,

A que prendeu nas mãos todo o luar,

A vida inteira, o sonho, a terra, o mar

E que, ao abri-las, não encontrou nada!

Ó Mãe! Ó minha Mãe, pra que nasceste?

Entre agonias e em dores tamanhas

Pra que foi, diz lá, que me trouxeste

Dentro de ti? Pra que eu tivesse sido

Somente o fruto amargo das entranhas

Dum lírio que em má hora foi nascido!...

À MORTE

Morte, minha Senhora Dona Morte,

Tão bom que deve ser o teu abraço!

Lânguido e doce como um doce laço

E como uma raiz, sereno e forte.

Não há mal que não sare ou não conforte

Tua mão que nos guia passo a passo,

Em ti, dentro de ti, no teu regaço

Não há triste destino nem má sorte.

Dona Morte dos dedos de veludo,

Fecha-me os olhos que já viram tudo!

Prende-me as asas que voaram tanto!

Vim da Moirama, sou filha de rei,

Má fada me encantou e aqui fiquei

À tua espera,... quebra-me o encanto!

JUNQUILHOS...

Nessa tarde mimosa de saudade

Em que eu te vi partir, ó meu amor,

Levaste-me a minha alma apaixonada

Nas olhas perfumadas duma flor.

E como a alma, dessa florzita,

Que é a minha, por ti palpita amante!

Oh alma doce, pequenina e branca,

Conserva o teu perfume estonteante!

Quando fores velha, emurchecida e triste,

Recorda ao meu amor, com teu perfume

A paixão que deixou e que inda existe...

Ai, diz-lhe que se lembre dessa tarde,

Que venha aquecer-se ao brando lume

Dos meus olhos que morrem de saudade!

O TEU OLHAR

Quando fito o teu olhar,

Duma tristeza fatal,

Dum tão íntimo sonhar,

Penso logo no luar

Bendito de Portugal!

O mesmo tom de tristeza,

O mesmo vago sonhar,

Que me traz a alma presa

Às festas da Natureza

E à doce luz desse olhar!

Se algum dia, por meu mal,

A doce luz me faltar

Desse teu olhar ideal,

Não se esqueça Portugal

De dizer ao seu luar

Que à noite, me vá depor

Na campa em que eu dormitar,

Essa tristeza, essa dor,

Essa amargura, esse amor,

Que eu lia no teu olhar!

DOCE MILAGRE

O dia chora. Agonizo

Com ele meu doce amor.

Nem a sombra dum sorriso,

Na Natureza diviso,

A dar-lhe vida e frescor!

A triste bruma, pesada,

Parece, detrás da serra

Fina renda, esfarrapada,

De Malines, desdobrada

Em mil voltas pela terra!

(O dia parece um réu.

Bate a chuva nas vidraças.)

As avezitas, coitadas,

Esqueceram hoje o cantar.

As flores pendem, fanadas

Nas finas hastes, cansadas

De tanto e tanto chorar...

O dia parece um réu.

Bate a chuva nas vidraças.

É tudo um imenso véu.

Nem a terra nem o céu

Se distingue. Mas tu passas...

E o sol doirado aparece.

O dia é uma gargalhada.

A Natureza endoidece

A cantar. Tudo enternece

A minha alma angustiada!

Rasgam-se todos os véus

As flores abrem, sorrindo.

Pois se eu vejo os olhos teus

A fitarem-se nos meus,

Não há de tudo ser lindo?!

Se eles são prodigiosos

Esses teus olhos suaves!

Basta fitá-los, mimosos,

Em dias assim chuvosos,

Para ouvir cantar as aves!

A Natureza, zangada,

Não quer os dias risonhos?...

Tu passas... e uma alvorada

Pra mim abre perfumada,

Enche-me o peito de sonhos!

CARTA PARA LONGE

O tempo vai um encanto,

A Primavera está linda,

Voltaram as andorinhas...

E tu não voltaste ainda!...

Porque me fazes sofrer?

Porque te demoras tanto?

A Primavera está linda...

O tempo vai um encanto...

Tu não sabes, meu amor,

Que, quem espera, desespera?

O tempo está um encanto...

E, vai linda a Primavera...

Há imensas andorinhas;

Cobrem a terra e o céu!

Elas voltaram aos ninhos...

Volta também para o teu!...

Adeus. Saudades do sol,

Da madressilva e da hera;

Respeitosos cumprimentos

Do tempo e da Primavera.

Mil beijos da tua querida,

Que é tua por toda a vida.

TRISTE PASSEIO

Vou pela estrada, sozinha.

Não me acompanha ninguém.

- Num atalho, em voz mansinha:

"Como está ele? Está bem?"

É a toutinegra curiosa;

Há em mim um doce enleio...

Nisto pergunta uma rosa:

"Então ele? Inda não veio?"

Sinto-me triste, doente...

E nem me deixam esquecê-lo!...

Nisto o sol impertinente:

"Sou um fio do seu cabelo..."

Ainda bem. É noitinha.

Enfim já posso pensar!

Ai, já me deixam sozinha!

De repente, oiço o luar:

"Que imensa mágoa me invade,

Que dor o meu peito sente!

Tenho uma enorme saudade!

De ver o teu doce ausente!"

Volto a casa. Que tristeza!

Inda é maior minha dor...

Vem depressa. A natureza

Só fala de ti, amor!

MENTIRAS

"Ai quem me dera uma feliz mentira,

Que fosse uma verdade para mim!"

J. Dantas

Tu julgas que eu não sei que tu me mentes

Quando o teu doce olhar poisa no meu?

Pois julgas que eu não sei o que tu sentes?

Qual a imagem que alberga o peito teu?

Ai, se o sei, meu amor! Eu bem distingo

O bom sonho da feroz realidade...

Não palpita de amor, um coração

Que anda vogando em ondas de saudade!

Embora mintas bem, não te acredito;

Perpassa nos teus olhos desleais,

O gelo do teu peito de granito...

Mas finjo-me enganada, meu encanto,

Que um engano feliz vale bem mais

Que um desengano que nos custa tanto!

OS MEUS VERSOS

Leste os meus versos? Leste? E adivinhaste

O encanto supremo que os ditou?

Acaso, quando os leste, imaginaste

Que era o teu esse olhar que os inspirou?

Adivinhaste? Eu não posso acreditar

Que adivinhasses, vês? E até, sorrindo.

Tu disseste para ti: "Por um olhar

Somente, embora fosse assim tão lindo,

Ficar amando um homem!... Que loucura!"

- Pois foi o teu olhar; a noite escura,

- (Eu só a ti digo, e muito a medo...)

Que inspirou esses versos! Teu olhar

Que eu trago dentro de alma a soluçar!

....

Aí não descubras nunca o meu segredo!

[sem título]

Meu fado, meu doce amigo

Meu grande consolador

Eu quero ouvir-te rezar,

Orações à minha dor!

Só no silêncio da noite

Vibrando perturbador,

Quantas almas não consolas

Nessa toada de amor!

Cantando por uma voz pura

Eu quero ouvir-te também

Por uma voz que me recorde

A doce voz do meu bem!

Pela calada da noite

Quando o luar é dolente

Eu quero ouvir essa voz

Docemente... docemente...

AOS OLHOS DE ELE

Não acredito em nada. As minhas crenças

Voaram como voa a pomba mansa,

Pelo azul do ar. E assim fugiram

As minhas doces crenças de criança.

Fiquei então sem fé; e a toda a gente

Eu digo sempre. embora magoada:

Não acredito em Deus e a Virgem Santa

É uma ilusão apenas e mais nada!

Mas avisto os teus olhos, meu amor,

Duma luz suavíssima de dor...

E grito então ao ver esses dois céus:

Eu creio, sim, eu creio na Virgem Santa

Que criou esse brilho que me encanta!

Eu creio, sim, creio, eu creio em Deus!

MISTÉRIO DE AMOR

Um mistério que trago dentro em mim

Ajuda-me, minha alma a descobrir...

É um mistério de sonho e de luar

Que ora me faz chorar, ora sorrir!

Viemos tanto tempo tão amigos!

E sem que o teu olhar puro toldasse

A pureza do meu. E sem que um beijo

As nossas bocas rubras desfolhasse!

Mas um dia, uma tarde... houve um fulgor,

Um olhar que brilhou... e mansamente...

Ai, dize ó meu encanto, meu amor:

Porque foi que somente nessa tarde

Nos olhamos assim tão docemente

Num grande olhar de amor e de saudade?!

ESCREVE-ME...

Escreve-me! Ainda que seja só

Uma palavra, uma palavra apenas,

Suave como o teu nome e casta

Como um perfume casto de açucenas!

Escreve-me! Há tanto, há tanto tempo

Que te não vejo, amor! Meu coração

Morreu já, e no mundo aos pobres mortos

Ninguém nega uma frase de oração!

"Amo-te!" Cinco letras pequeninas,

Folhas leves e tenras de boninas,

Um poema de amor e felicidade!

Não queres mandar-me esta palavra apenas?

Olha, manda então... brandas... serenas...

Cinco pétalas roxas de saudade...

O TEU SEGREDO

O mundo diz-te alegre porque o riso

Desabrocha em tua boca, docemente

Como uma flor de luz! Meigo sorriso

Que na tua boca poisa alegremente!

Chama-te o mundo alegre. Ai, meu amor,

Só eu inda li bem nessa alegria!...

Também parece alegre a triste cor

Do sol, à tarde, ao despedir-se o dia!...

És triste; eu sei. Toda suavidade

Tão roxa, como é roxa uma saudade

É a tua alma, amor, cheia de mágoa.

Eu sei que és triste, sei. O meu olhar

Descobriu o segredo, que a cantar

Repoisa nos teus olhos rasos de água!

DOCE CERTEZA

Por essa vida fora hás de adorar

Lindas mulheres, talvez; em ânsia louca,

Em infinito anseio hás de beijar

Estrelas de oiro fulgindo em muita boca!

Hás de guardar em cofre perfumado

Cabelos de oiro e risos de mulher,

Muito beijo de amor apaixonado;

E não te lembrarás de mim sequer!..

Hás de tecer uns sonhos delicados...

Hão de por muitos olhos magoados,

Os teus olhos de luz andar imersos !

Mas nunca encontrarás pela vida fora,

Amor assim como este amor que chora

Neste beijo de amor que são meus versos!

SONHO MORTO

Nosso sonho morreu. Devagarinho,

Rezemos uma prece doce e triste

Por alma desse sonho! Vá... baixinho...

Por esse sonho, amor, que não existe!

Vamos encher-lhe o seu caixão dolente

De roxas violetas; triste cor!

Triste como ele, nascido ao sol poente,

O nosso sonho... ai!... reza baixo... amor...

Foste tu que o mataste! E foi sorrindo,

Foi sorrindo e cantando alegremente,

Que tu mataste o nosso sonho lindo!

Nosso sonho morreu... Reza mansinho...

Ai, talvez que rezando, docemente,

O nosso sonho acorde… mais baixinho…

SONHANDO...

É noite pura e linda. Abro a minha janela

E olho suspirando o infinito céu,

Fico a sonhar de leve em muita coisa bela

Fico a pensar em ti e neste amor que é teu!

DE olhos fechados sonho. A noite é uma elegia

Cantando brandamente um sonho todo de alma

E enquanto a lua branca o linho bom desfia

Eu sinto almas passar na noite linda e calma.

Lá vem a tua agora... Numa carreira louca

Tão perto que passou, tão perto à minha boca

Nessa carreira doida, estranha e caprichosa

Que a minha alma cativa estremece, esvoaça

Para seguir a tua, como a folha de rosa

Segue a brisa que a beija... e a tua alma passa!...

DESEJO

Quero-te ao pé de mim na hora de morrer.

Quero, ao partir, levar-te, todo suavidade,

Ó doce olhar de sonho, ó vida dum viver

Amortalhado sempre à luz duma saudade!

Quero-te junto a mim quando o meu rosto branco

Se ungir da palidez sinistra do não ser,

E quero ainda, amor, no meu supremo arranco

Sentir junto ao meu seio teu coração bater!

Que seja a tua mão tão branda como a neve

Que feche o meu olhar numa carícia leve

Em doce perpassar de pétala de lis...

Que seja a tua boca rubra como o sangue

Que feche a minha boca, a minha boca exangue!...

....

Ah, venha a morte já que eu morrerei feliz!...

CONFISSÃO

Aborreço-te muito. Em ti há qualquer cousa

De frio e de gelado, de pérfido e cruel,

Como um orvalho frio no tampo duma lousa,

Como em doirada taça algum amargo fel.

Odeio-te também. O teu olhar ideal

O teu perfil suave, a tua boca linda,

São belas expressões de todo o humano mal

Que inunda o mar e o céu e toda a terra infinda.

Desprezo-te também. Quando te ris e falas,

Eu fico-me a pensar no mal que tu calas

Dizendo que me queres em íntimo fervor!

Odeio-te e desprezo-te. Aqui toda a minha alma

Confessa-to a rir, muito serena e calma!

....

Ah, como eu te adoro, como eu te quero, amor!...

AONDE?...

Ando a chamar por ti, demente, alucinada,

Aonde estás, amor? Aonde... aonde... aonde?...

O eco ao pé de mim segreda... desgraçada...

E só a voz do eco, irónica, responde!

Estendo os braços meus! Chamo por ti ainda!

O vento, aos meus ouvidos, soluça a murmurar;

Parece a tua voz, a tua voz tão linda

Cantando como um rio banhado de luar!

Eu grito a minha dor, a minha dor intensa!

Esta saudade enorme, esta saudade imensa!

E Só a voz do eco à minha voz responde...

Em gritos, a chorar, soluço o nome teu

E grito ao mar, à terra, ao puro azul do céu:

Aonde estás, amor? Aonde... aonde... aonde?...

QUEM SABE?!...

Eu sigo-te e tu foges. É este o meu destino:

Beber o fel amargo em luminosa taça,

Chorar amargamente um beijo teu, divino,

E rir olhando o vulto altivo da desgraça!

Tu foges-me, e eu sigo o teu olhar bendito;

Por mais que fujas sempre, um sonho há de alcançar-te

Se um sonho pode andar por todo o infinito,

De que serve fugir se um sonho há de encontrar-te?!

Demais, nem eu talvez, perceba se o amor

É este perseguir de raiva, de furor,

Com que eu te sigo assim como os rafeiros leais.

Ou se é então a fuga eterna, misteriosa,

Com que me foges sempre, ó noite tenebrosa!

....

Por me fugires, sim, talvez me queiras mais!

HUMILDADE

Toda a terra que pisas, eu queria, ajoelhada,

Beijar terna e humilde em lânguido fervor;

Queria poisar fervente a boca apaixonada

Em cada passo teu, ó meu bendito amor!

De cada beijo meu, havia de nascer

Uma sangrenta flor! Ébria de luz, ardente!

No colo purpurino havia de trazer

Desfeito no perfume o misterioso Oriente!

Queria depois colher essas flores reais,

Essas flores de sonho, estranhas, sensuais,

E lançar-tas aos pés em perfumados molhos.

Bem paga ficaria, ó meu cruel amante!

Se, sobre elas, eu visse apenas um instante

Cair como um orvalho os teus divinos olhos!

ORAÇÃO DE JOELHOS

Bendita seja a mãe que te gerou!

Bendito o leite que te fez crescer!

Bendito o berço aonde te embalou

A tua ama pra te adormecer!

Bendito seja o brilho do luar

Da noite em que nasceste tão suave,

Que deu essa candura ao teu olhar

E à tua voz esse gorjeio de ave!

Benditos sejam todos que te amarem!

Os que em volta de ti ajoelharem

Numa grande paixão, fervente, louca!

E se mais, que eu, um dia te quiser

Alguém, bendita seja essa mulher!

Bendito seja o beijo dessa boca!

AOS OLHOS DE ELE

É noite de luar casto e divino.

Tudo é brancura, tudo é castidade...

Parece que Jesus, doce bambino,

Anda pisando as ruas da cidade...

E eu que penso na suavidade

Do tempo que não volta, que não passa,

Olho o luar, chorando de saudade

De teus olhos claros cheios de graça!...

Oceanos de luz que procurando

O seu leito de amor, andam sonhando

Por esta noite linda de luar...

Talvez o perfumado, o brando leito

Que procurais, ó olhos, no meu peito

Esteja à vossa espera a soluçar...

DESDÉM

Andas dum lado pro outro

Pela rua passeando;

Finges que não queres ver

Mas sempre me vais olhando.

É um olhar fugidio,

Olhar que dura um instante,

Mas deixa um rasto de estrelas

O doce olhar saltitante...

É esse rasto bendito

Que atraiçoa o teu olhar,

Pois é tão leve e fugaz

Que eu nem o sinto passar!

Quem tem uns olhos assim

E quer fingir o desdém,

Não pode nem um instante

Olhar os olhos de alguém...

Por isso vai caminhando...

E se queres a muita gente

Demonstrar que me desprezas

Olha os meus olhos de frente!...

RÚSTICA

Eu queria ser camponesa;

Ir esperar-te à tardinha

Quando é doce a Natureza

No silêncio da devesa,

E só voltar à noitinha...

Levar o cântaro à fonte

Deixá-lo devagarinho,

E correndo pela ponte

Que fica detrás do monte

Ir encontrar-te sozinho...

E depois quando o luar

Andasse pelas estradas,

DE olhos cheios do teu olhar

Eu voltaria a sonhar,

Pelos caminhos de mãos dadas.

E depois se toda a gente

Perguntasse: "Que encarnada,

Rapariga! Estás doente?"

Eu diria: "É do poente,

Que assim me fez encarnada!"

E fitando ao longe a ponte,

Com meu olhar cheio do teu,

Diria a sorrir pro monte:

"O cântaro ficou na fonte

Mas os beijos trouxe-os eu...

?!

Se as tuas mãos divinas folhearem

As páginas de luto uma por uma

Deste meu livro humilde; se poisarem

Esses teus claros olhos como espuma

Nos meus versos de amor, se docemente

Tua boca os beijar, lendo-os, um dia;

Se o teu sorrir pairar suavemente

Nessas palavras minhas de agonia,

Repara e vê! Sob essas mãos benditas,

Sob esses olhos teus, sob essa boca,

Hão de pairar carícias infinitas!

Eu atirei minha alma como um rito

Às trevas desse livro, assim, ó louca!

A noite atira sóis ao infinito!..

SÚPLICA

A prece que eu murmuro, a soluçar

Ao Deus todo bondade e todo amor,

É rezada de rastos no altar

Onde a tristeza reza com a dor!

A minha boca reza-a comovida,

Chora-a meus olhos, beija-a o meu peito

Sonha-a minha alma sempre enternecida

Ao ver-te rir, ó meu Amor Perfeito..

Que o Deus do céu atenda a minha prece,

Embora eu saiba nesta desventura

Que Deus só ouve aquele que o merece!

Mas vou pedindo ao Deus de piedade,

Que te conceda anos de ventura,

Como dias a mim de infelicidade!...

ESCUTA...

À Beatriz Carvalho

Escuta, amor, escuta a voz que ao teu ouvido

Te canta uma canção na rua em que morei,

Essa soturna voz há de contar-te, amigo

Por essa rua minha os sonhos que sonhei!

Fala de amor a voz em tom enternecido,

Escuta-a com bondade. O muito que te amei

Anda pairando aí em sonho comovido

A envolver-te em oiro!... Assim se envolve um rei!

Num nimbo de saudade e doce como a asa

Recorta-se no céu a minha humilde casa

Onde ficou minha alma assim como penada

A arrastar grilhões como um fantasma triste.

É dela a voz que fala, é dela a voz que existe

Na rua em que morei... Anda crucificada!

A ESTA HORA...

A esta hora branda de amargura,

A esta hora triste em que o luar

Anda chorando, Ó minha desventura

Onde estás tu? Onde anda o teu olhar?

A noite é calma e triste... a murmurar

Anda o vento, de leve, na doçura

Ideal do aveludado ar

Onde estrelas palpitam... Noite escura

Diz-me onde ele está o meu amor,

Onde o vosso luar o vai beijar,

Onde as vossas estrelas com fulgor

Do seu brilho de fogo o vão cobrir!

Diz-me onde ele está!... Talvez a olhar

A mesma noite linda a refulgir...

SOL POSTO

Sol posto. O sino ao longe dá Trindades

Nas ravinas do monte andam cantando

As cigarras dolentes... E saudades

Nos atalhos parecem dormitando...

É esta a hora em que a suave imagem

Do bem que já foi nosso nos tortura

O coração no peito, em que a paisagem

Nos faz chorar de dor e de amargura...

É a hora também em que cantando

As andorinhas vão pelo meio das ruas

Para os ninhos, contentes, chilreando...

Quem me dera também, amor, que fosse

Esta a hora de todas a mais doce

Em que eu unisse as minhas mãos às tuas!...

ESTRELA CADENTE

Traço de luz... lá vai! Lá vai! Morreu.

Do nosso amor me lembra a suavidade...

Da estrela não ficou nada no céu

Do nosso sonho em ti nem a saudade!

Pra onde iria a estrela? Flor fugida

Ao ramalhete atado no infinito...

Que ilusão seguiria entontecida

A linda estrela de fulgir bendito?...

Aonde iria, aonde iria a flor?

(Talvez, quem sabe?... ai quem soubesse, amor!)

Se tu o vires minha bendita estrela

Alguma noite... Deves conhecê-lo!

Falo-te tanto nele!... Pois ao vê-lo

Diz-lhe assim: "Por que não pensas nela?"

VERSOS

Versos! Versos! Sei lá o que são versos...

Pedaços de sorriso, branca espuma,

Gargalhadas de luz. cantos dispersos,

Ou pétalas que caem uma a uma.

Versos!... Sei lá! Um verso é teu olhar,

Um verso é teu sorriso e os de Dante

Eram o seu amor a soluçar

Aos pés da sua estremecida amante!

Meus versos!... Sei eu lá também que são...

Sei lá! Sei lá!... Meu pobre coração

Partido em mil pedaços são talvez...

Versos! Versos! Sei lá o que são versos..

Meus soluços de dor que andam dispersos

Por este grande amor em que não crês!...